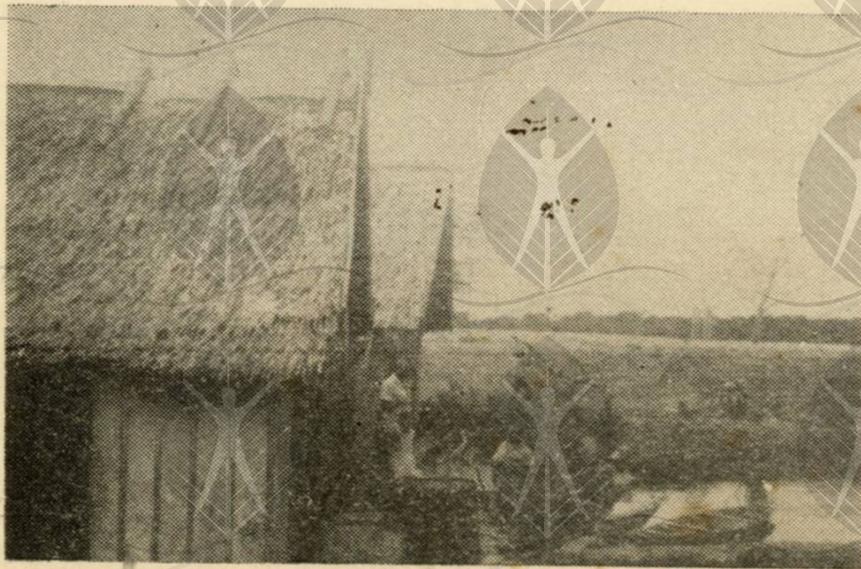


AGNELLO BITTENCOURT

Reminiscências

do

AYAPUÁ



RIO DE JANEIRO
1966

Ao illustre e querido amigo
 André Jobim, numa ação
 em constante caminhada, no
 rumo da Luz da Verdade,
 este opúsculo, que lembra

nas REMINISCÊNCIAS

DO

AYAPUÁ

"a linda

região que percorri, em
abril do presente ano, bem
assim, o transcurso do meu
90º aniversário natalício
aquele Outono
Liv. 14 - 12-66.

Estas páginas constituem uma espécie de crônica de um pedaço da Amazônia e do clã que o desbravou.

Aqui estão figuras humanas e episódios, tendo como cenário terras e águas do Aiapuá, região do Baixo Purus, revividos a partir das ações do iniciador do desbravamento, Manoel Nicolau de Mello, por alguém que hoje, em avançada idade, ainda se vê provocado para descrevê-los mais uma vez aos tataranetos do Pioneiro.

O que se vai ler não foi escrito para ser publicado, eis que resultou do atendimento, em 1949, pelo Autor, de um pedido de D. Cacilda Mello de Araujo Lima, neta do Pioneiro, desejosa de reter, em forma mais duradoura, a lembrança de pessoas e fatos — como que um “álbum de família”.

Como todos queriam uma cópia, pareceu melhor dar forma impressa a estes retratos, colhidos à sombra da “Casa Grande”. Assim, reuniram-se filhos, sobrinhos e afilhados para editar as “Reminiscências do Aiapuá”, na data em que seu Autor, Prof. Agnello Bittencourt, faz 90 anos de idade, cercado de respeito e amor.

O último capítulo reproduz um artigo recente, publicado na imprensa de Manaus, sobre o mesmo tema, após uma viagem do Prof. Agnello ao Aiapuá, 70 anos depois do seu primeiro contacto com o Lago e sua gente.

Excluída a conotação pessoal, de interêsse familiar, de algumas passagens, peculiar à destinação que as inspirou, é certo que estas páginas serão úteis para quem se dê ao trabalho de fazer uma história social da Amazônia.

OS COLABORADORES DESTA EDIÇÃO.

CAPÍTULO I

FISIOGRAFIA DA REGIÃO

Abro o reservatório de minhas recordações ainda bem prêsas à saudade de um tempo de alegrias e esperanças, e deixo correr, como se fôsse um regato cristalino, a descrição e o comentário de panoramas, ocorrências e indivíduos.

Antes de entrar na matéria, cumpre-me dizer que as linhas a seguir me foram sugeridas, ou melhor, solicitadas pela minha velha e querida amiga Sra. Cacilda de Araujo Lima e seus filhos, pois desejam guardar, no seu Arquivo de Família, um registro da terra dos seus maiores, como da sociedade rural em que, antes, viveram, naquele paraíso terrestre que se chama Aiapuá.

Preliminarmente, convém, em síntese geográfica e traços históricos, situar e definir a região, nos seus aspectos físico, etnográfico, econômico e social.

Situação e aspecto físico

Está o lago do Aiapuá encravado em zona da margem esquerda do Rio Purus, a cêrca de 150 km de sua foz e ao qual se liga, por um extenso paraná de, aproximadamente, 15 km. É francamente navegável ao inverno por **gaiolas** de grande tonelagem. No verão somente lanchas e canoas o podem penetrar.

Nas vazantes máximas, o lago fica dividido em dois, o que vem se acentuando nos últimos tempos, não pela redução de suas águas, mas por um enorme **baixo** que o atravessa, estendendo-se da saída do paraná até encontrar, no lado oposto, a pequena ilha do Cemitério. Esse **baixo** é formado pelos detritos que as águas barrentas do Purus, ao tempo da enchente, arrastam pelo paraná, para dentro do lago. Segue a direção da correnteza.

Não será de estranhar que, num período talvez de cinqüenta anos, o Aiapuá esteja dividido em dois: o do Norte e o do Sul, cada um com o seu canal próprio, mas ambos ligados ao paraná da bacia primitiva, como tudo está a indicar.

Fique esclarecido que, no período das chuvas, no baixo Purus, isto é, de novembro a princípios de junho, as águas do rio penetram o lago,

tornando-as esbranquiçadas. Uma forte correnteza conduz, para o lago, paus, capim, argila, além de outros detritos. Diz-se, então, que as águas ficam **sujas**.

Quando começa o verão, o que se verifica em meado de junho, quando não precisamente no dia 24 dêsse mês (dia de São João), as águas, no paraná, paralisam-se por um momento e, logo, fazem o seu retôrno. A correnteza dirige-se no sentido contrário, isto é, do lago para o rio Purus. Ao cabo de poucos dias, as águas barrentas, amareladas, tornam-se quase negras, como as do rio Negro. Tornam-se **limpas**, na expressão local.

É interessante o que ocorre nesse vai-e-vem das águas fluviais e lacustres: as margens do paraná trocam suas denominações conforme a direção de entrada ou de saída. A que era margem **direita** no inverno passa a ser esquerda no verão. Isto, no entendimento dos habitantes. Todavia, no sentido legal, consideram-se essas margens sempre no rumo do desaguadouro.

Todo o extenso paraná do Aiapuá é ladeado de igapós. Nenhum palmo de terra escapa às menores enchentes. Nem se encontram próximas as primeiras **terras firmes**.

Imensas e compactas florestas cobrem a baixada intérmina, apenas oferecendo clareiras, denunciando a existência de pequenos lagos e da passagem de paranamirins que se entrecruzam, muitos dos quais desaparecem no estio.

Interessante é ver-se que a compacidade dessas florestas está nas frondes que se entrelaçam ao alto, verdadeira umbela que defende o solo. Saindo-se do **cerrado** ou **pestana**, que se prolonga, numa faixa estreita pelas margens, o arvoredado, fechado em cima, abre-se em baixo, amplo e limpo.

No verão, o caçador aí transita, sem encontrar o menor obstáculo, à procura das umbiaras, que descem das terras firmes. No inverno, a **montaria** do pescador viaja facilmente à sombra da grande copa, que lhe serve de teto.

Nenhum habitante, a não ser macacos e pássaros, nessas terras semi-aquáticas, que patenteiam ainda o primitivismo da natureza.

A palavra Aiapuá, segundo me fêz ver um velho mura da tribo que aí tem sua maloca, significa **água redonda**, devido à forma circular do lago, abstraindo as enseadas que apresenta, fora também as largas embocaduras dos igarapés, seus tributários.

A entrada para o lago, viajando-se pelo paraná de igual nome, efetua-se pela parte oriental. Dêsse ponto, olhando-se para o poente, descortina-se um panorama encantador. É por ali, ao longe, que correm as **terras firmes**, com seus castanhais, ao passo que, para o Sul, domina a mata própria dos varzeados, com suas frondosas paricaranas, mungubeiras e viranas, um trecho esplendoroso da Hiléia de Humboldt.

Nessas terras inundáveis periodicamente avizinham-se outros lagos, paranás e igarapes separados tão somente por franjas da floresta, mas todos, ao inverno, presos ao mesmo lençol d'agua. O mais notavel, por sua extensao e largura, na enseada do Bacuri, é o igarapé deste nome. Segue rumo sul, como acompanhando ao longe o rio Purus, para o qual se transita em canoa ao tempo das enchentes.

Visitei em **igarité**, em companhia do meu amigo Wenceslau Nicolau de Mello, durante dois dias, sem lhe ter chegado às cabeceiras. Contemplei sua natureza virgem, sua grande fartura de peixes, tracajás e aves. O lago do Aiapua tem, seguramente, uns 12 km de Leste-Oeste, da saída do parana a foz do igarape Santo Antônio. De Norte a Sul, da foz do igarape Maues a do Bacuri podera medir 10 km. Sua maior profundidade, onde se considera a passagem do canal, nao atinge 20 metros. A parte Norte, em frente a enseada do Maués, é mais baixa. Ali se encontram as ilhas da Andorinha (ao largo) e a do Maues, pouco afastada da terra firme.

Outra ilha é a do Cemitério, da qual atrás falei, assim chamada porque ali se acha instalada a necropole da localidade. Foi nessa ilha que se iniciou o povoamento do Aiapua por gente civilizada. É a meu ver a mais linda situação do lago, tendo um bom porto e dominando um cenario soberbo.

Nas vazantes, o canal que a separa da terra geral desaparece; nem um so habitante ali mais existe. É exclusivamente a ilha dos mortos.

O Aiapua recebe as águas do paraná do Uauassu, lago que lhe fica muito afastado, possivelmente a uns 60 km, devido aos constantes torcicolos em que o respectivo paraná se vai desdobrando. São-lhe ainda tributários numerosos igarapés, alguns dos quais navegáveis no inverno. Destaco os de Maues, Franco, Evaristo, Santo Antônio e Campo. O maior, quer pelo seu volume, quer pela sua extensão, é o chamado **Cabeceira do Aiapua**, francamente navegável por lanchas, mesmo no verao, contendo lindas praias e opulentos castançais em suas margens. Nas suas nascentes, há um excelente seringal, de longa data explorado. Não existem terras muito elevadas na região atravessada por esse curso d'agua, mas uma camada de argila compacta ou **massapé**, que fica apenas acima das grandes enchentes, um a dois metros de altitude sobre o enorme lençol líquido. Abundância de valados recorta essas terras, as quais, no inverno, se tornam **braços de igarapés**, por onde as **montarias** dos extratores de castanhas se insinuam e transportam, para os paióis, a colheita diária das safras. A natureza, assim, favorece o trabalhador da floresta, seja ele castanheiro, seringueiro ou madeireiro.

O clima, as estações e a salubridade

O clima do Aiapuá é quente e úmido como, em geral, o do Estado. A temperatura oscila entre 25 e 35 graus centígrados, fixando-se, em média, em 28°. Ao tempo de verão, que decorre de junho a dezembro (ou antes), forte ventilação sopra de Leste-Oeste, entre as 9 e 15 horas. No inverno, sobretudo de janeiro a abril, chove bastante, mais do que na região de Manaus. A umidade, todavia, não é tão intensa como a do Acre, do alto Purus e alto Juruá. Essa umidade atenua os rigores da canícula. As noites são suaves, em consequência da brisa que vem das florestas.

Há salubridade no Aiapuá, outrora notável, não obstante a inobservância de preceitos de higiene. Conheci, na região, alguns macróbios. Lembro-me da velha Archângela e Maria de Almeida, já engelhadinhas, mas ainda trabalhando em cerâmica e nos arranjos de suas casas. Outro caso de longevidade: o português Justino José de Almeida, que fôra padeiro em Manaus e que, ainda muito moço, se localizara no lago, constituindo família e fazendo-se negociante. Quando o conheci, logo à primeira viagem que fiz ao Aiapuá, em 1896, Justino já era um homem idoso, tendo, seguramente, uns 60 anos. Disse-me que, desde sua fixação ali, há quarenta anos, nunca mais retornara a Manaus. Esse homem, afirmou-me, jamais adoecera. E ainda viveu, sempre robusto, nada menos que duas décadas.

Mais outro exemplo de longevidade e perfeita saúde: a preta Carolina dos Santos, que foi escrava do Capitão Manoel Nicolau de Mello, o fundador da povoação civilizada do Aiapuá. Nunca se afastou da família Mello, em cujo seio criou alguns filhos que ainda vivem. Por sinal, todos excelentes pessoas, que se recomendam por sua atividade honesta e dedicação desinteressada à família protetora. A preta Carolina, ou melhor, como a chamavam, Tia Carolina, morreu possivelmente com a respeitável idade de 90 anos. Poderia multiplicar os exemplos. Quero, porém, limitar-me ao velho Raimundinho, da tribo mura localizada na enseada de Maués. Vi-o algumas vezes na sua miserável barraquinha, sem o mais elementar conforto. Tinha mais de 100 anos, conforme notícia que me deram os seus descendentes. Já não podia andar, senão trôpegamente. Quando o velho Raimundinho tinha de acompanhar seus netos às praias do Purus, na captura de tracajás e extração de ovos dos tabuleiros, porque não devia ficar só, abandonado na maloca, era conduzido dentro de um **aturá**, do seu **tapiri** à canoa. Esse pobre índio vivia na maior imundície. Quero acreditar que a falta de higiene, em muitos casos, também imuniza...

Tratando-se da salubridade do Aiapuá, convém deixar patente que o estado sanitário, ali, se faz precário em dois momentos: quando o lago está muito baixo, nos primeiros dias da enchente, e quando, no

término desta, as águas paralisam, para operar o seu recuo. Há, de fato, uma estagnação nesse momento, principalmente no último, sobrevindo um surto de impaludismo.

Vi, por duas vezes, irromper o sarampo, quase sempre fatal às crianças indígenas.

Nos primeiros anos em que frequentei o Aiapuá, não se conhecia o uso do mosquiteiro, pois não havia carapanãs ou outros mosquitos danosos à saúde. Mais tarde, porém, toda a gente ali se munia desse meio de defesa, para dormir tranqüilamente e gozar saúde.

Os habitantes do lago atribuem o aparecimento da praga noturna às grandes touças de capim (canarana) flutuante arrastadas do Purus, pela correnteza das águas. Os anofeles, transmissores do impaludismo, vivem, em nuvens, nesse capim, contaminando os lugares por onde passam.

Riquezas naturais

As terras do Aiapuá são cobertas de opulentas florestas, em cujo seio predominam as castanheiras, sua riqueza principal explorada desde 1851, quando se deu, no lago, a penetração de gente civilizada.

As castanheiras superpõem-se em altura e volume às demais árvores, suas vizinhas. Bem aplicado o nome (**Bertholetia excelsa**), que lhe deu Bompland. Vivem em grupos ou reboladas. Atingem 50 metros, servidas por frondes imensas, que se enchem de ouriços, uma vez por ano.

Pela quantidade e valor mercantil, a castanha é o principal produto da região. Nota-se, porém, que essa quantidade decresce com o tempo, parecendo que as castanheiras se vão esgotando com a velhice.

Por volta de 1902, vi safras que atingiram 16.000 hectolitros, volume êsse reunido pela firma Lourenço Nicolau de Mello & Cia. Hoje, essa quantidade não vai a mais de 10.000. Não há o replantio. Naturalmente, os exemplares mais antigos não encontram sucessores...

Contaram-me os antigos moradores do lago o seguinte: outrora, nos lugares das roças, nasciam numerosas castanheiras oriundas de **pivides** ali enterradas pelas cutias, na defesa do seu alimento. Presentemente, a caça quase extinguiu aquêles roedores e a **varrição** dos castanhais não mais deixa escapar um só ouriço para semente. Não tive notícia de alguém, na região, que plantasse castanhais. Afirmam os moradores não haver compensação imediata, de vez que uma castanheira, para chegar a ser adulta, isto é, produzir um hectolitro por safra, gasta 25 anos, não obstante começar a frutificar desde 8 anos após o plantio.

Se a produção tem realmente diminuído, os preços têm-se elevado astronômicamente. Naquele ano (1902), nas praças de Manaus e Belém, cada hectolitro alcançava 5\$000. Mais tarde, a subida foi vertiginosa, ultrapassando Cr\$ 200. Há cêrca de dois anos, houve na capital de Manaus vendas que chegaram a Cr\$ 400!

Ao escrever estas linhas (dezembro de 1949), vi, exposta à venda, no Rio de Janeiro, a castanha não descascada a Cr\$ 12 o quilo. Considerando-se que cada hectolitro de nozes sêcas pesa, mais ou menos, 60 kg, podemos dizer que aquela unidade (hectolitro) vale Cr\$ 720! Verdadeiros pomos de ouro!

Em outro capítulo desta despreziosa monografia, tratarei ainda e sob outro aspecto da famosa *bertholetia*. Uma outra riqueza do Aiapuá é a borracha. Possui seis seringais, ou sejam: “Mãe do Rio”, “Jacitara”, “Cabeceira do “Aiapuá”, Salsa”, “Jerônimo” e “Repartimento do Salsa”. Todos ficam afastados do lago, mas em terras da respectiva bacia. A produção anual vai, em todos, a dez mil quilogramas, mais ou menos. Goma elástica de primeira qualidade.

A exploração não é intensiva, porque, tantas vêzes, êsses seringais não são trabalhados; basta, para isso, que os preços não compensem as despesas dessa exploração. O maior período de inatividade foi de 1912 a 1922. Houve estradas que desapareceram no matagal, sendo necessário, mais tarde, sua reabertura.

Atualmente (1949), a safra da borracha, no Aiapuá, parece retomar o seu antigo ritmo, sobretudo no “Mãe do Rio”, que fica situado próximo às cabeceiras do lago Uauassu, hoje pertencente ao Sr. Carlos Onety de Figueiredo. Trata-se de um seringal de 34 estradas e o de maior produção.

Não chegando a ser um seringal, mas um conjunto de três estradas, há, também, na região do Aiapuá, no paraná do Salsa e encravado no lote “Acutuba” (castanhal), seringueiras que produzem mais de 60 kg por safra.

Como acontece com a castanha, nunca se cogitou de plantar um seringal ou, ao menos, renovar e aumentar os já existentes.

Novas riquezas florestais, além da borracha e da castanha, passaram, nesta última década, a ser ali exploradas, tais como: o leite da sorva, o pau-rosa, o cumaru, o timbó e as madeiras. Há bastante óleo de copaíba nas cabeceiras dos rios onde se encontram aquêles seringais.

Os canoieiros do lago não se utilizam da estôpa, nem do breu importados, ao calafetarem suas embarcações. Vão buscá-los na floresta e os preparam a seu modo. As árvores do breu poderiam manter, se exploradas, um comércio regular dêsse produto.

Com referência à estôpa, não posso dizer o mesmo, porque os donos de castanhais jamais consentiram no sacrifício de tão úteis vegetais, pois, como se sabe, é da casca da castanheira que se extrai, no Amazonas, aquêlê material.

Numerosas são as madeiras que se encontram na região. Entre outras, notam-se: o cedro, a acaricuara, a massaranduba, o piquiá, o cumaru, o pau-rosa, o pau-precioso, o louro, o angico, o acapu, a acaríúba, o assacu, a carapanaúba, a envira, o lacre, o marupá, o pajurá, a piranheira, o pau-mulato, etc.

No rol das palmeiras, notamos: o assaí, a bacaba, o uauassu, o patauá, o marajá, o urucuri, o inajá, a jacitara, o caiaué, o jauari, a popunha, mumbaca, o tucumã, o miriti, etc.

Entre as plantas tintureiras: o carajuru, o urucu, o genipapo, o macucu, o muruci, etc.

Plantas gomíferas: a seringueira, a sôrva, o bacuri, a massaranduba, a sucuba, a jacareúba, o amapá, o apié, etc.

Plantas oleaginosas: a ucuúba, o cumaru, o patauá, a copaíba, o tamaquaré, o uauassu, o caiaué, a andiroba, etc.

Plantas medicinais: o abacateiro, a abútua, o amapá, o anaru, o angelim (paricá), o batatão, a baunilha, o cajueiro, o carrapateiro, a guaxinguba, a imbaúba, o ipadu (ipeca), a jurubeba, o mastruço, o tarumã, o urucu, o marupá, o muiratã, etc.

As matas do Aiapuí contém uma variedade de cipós, finos e grossos, cilíndricos e chatos, que entrelaçam as copas das árvores e os cerrados da beira-d'água. Os naturais não se utilizam de pregos na construção de suas casas, mas de cipós, dentre os quais o mais interessante é o arubá. Os aturás ou cestos em que conduzem as castanhas são feitos de cipó-titica, de grande resistência e durabilidade.

Abundam também as orquídeas, de muitas espécies, sobressaindo as **catléias**. Vi árvores cujos troncos e galhos mais grossos eram cobertos dessas parasitas. Nos pequenos lagos ostentam-se as **vitórias-régias**. Os caboclos têm, colhidas nas florestas ou nas suas roças, o umari, a popunha, a manga, o piquiá, o mamão, a banana, a batata, a macacheira (aipim), a mandioca, o limão, o taperebá (cajá), o mari-mari, o ajará, o ingá etc.

A fauna aiapuaense não é menos rica. Entre os mamíferos noto: a onça pintada e a vermelha, o maracajá, os macacos (prego, guariba, barrigudo, sauim, caiarara, de cheiro), capivara, paca, tatu, cutia, coatipuru, veado, caititu, queixada, anta, peixe-boi, ariranha, etc.

O mundo das aves e dos pássaros é surpreendente pela sua variedade e beleza. Observam-se: a caripira, o pato, o carará, o mergulhão, a marreca, o marrecão, a arara, a coruja, o papagaio, o periquito, a maracanã, o tucano grande, o tucano araçari, o guará, o frango

d'água, a saracura, o coró-coró, o mutum, o jacu, a gaivota, o unicórnio, o rouxinol, o maçarico, a ariranha, a garça, o maguari, o jaburu, a pomba, a inambu, o jacamin etc.

Entre os répteis: o jacaré, o jabuti, a tartaruga, o tracajá, o camaleão, as cobras (gibóia, surucucu, sucuriçu, cotimbóia, jararaca), buru, a pomba, a inambu, o jacamim etc.

Como em todo o Amazonas, as espécies ictiófagas são numerosas. Agassis ficou surpreendido ao estudá-las. Encontram-se no Aiapuá: o pirarucu, o tambaqui, a pirapitinga, a piraíba, a piranambu, a piranha, a pirarara, o puraqué, o acará (várias espécies), o aracu, o pacu, a traíra (ou tariíra), a sardinha, o acari, o aruanã, o baiacu, o curimatá, o jacundá, a pescada, a piratapioca, o tucunaré, o surubim, o matrinchão, o jaraqui, o sarapó, o tamuatá, o mapará, o baiacu etc.

Estrutura geológica

Na região do Aiapuá não existem terras firmes, altas, como as que se vêem no Rio Negro. Essas terras firmes apenas não se deixam alcançar ou, melhor, invadir pelas enchentes anuais, ficando a um ou dois metros acima da grande massa líquida. São constituídas pelo que lá denominam de **massapé**, isto é, uma argila compacta, pegajosa, esbranquiçada.

Pelas margens de outros lagos convizinhos, rios e paranás, com a mesma estrutura, encontram-se esbarrancamentos quase a pique, sem, contudo, deslocarem-se. É nessas terras, tantas vezes recortadas pelas águas e em forma de restingas, que se encontram os castanhais. Essa rede de canais transitórios facilita aos extratores de castanha a penetração e a retirada das nozes e das madeiras.

Os varzeados (que a gente da terra chama **varjas**) se encontram em tôda a parte, podendo-se dizer que formam a regra geral da estrutura geológica da região. Não escapam às inundações que se verificam desde novembro a junho. Mas a alagação completa só se dá em maio e junho. Tais varzeados não são mais do que camadas sedimentárias, aluviais, compostas de areia fina, desagregável, muito misturadas de detritos de origem vegetal. São sujeitas à infiltração e ao influxo das correntezas dos rios. Daí, a sua instabilidade.

No Purus, com o desagregamento das terras, formam-se à jusante praias e bancos de areias.

Muitos trechos de margens que possuem ligeira, suave inclinação, esbarrancam-se (terras caídas) e especam-se, à sua frente, de troncos de árvores perigosos à navegação.

Para o interior, longe da devastação das águas, as várzeas são próprias para as roças de rápida colheita, atendendo sua enorme fertilidade.

Na proeminência das curvaş dos rios, quer no Purus, quer no rio chamado Cabeceira do Aiapuá, encontram-se lindas praias. Neste último, em frente ao lugar Ajará, há a margem Prainha, que lembra uma das praias do Rio Negro.

No Purus, acima do barracão Novo Trombetas, hoje dos herdeiros do saudoso Lourenço Nicolau de Mello, estende-se a grande e formosa praia de Piraiauara, que sòmente se descobre, como tôdas as outras, no tempo de verão.

Tratando da estrutura geológica da região do Aiapuá, fugindo sempre à tecnologia científica, não devo desprezar as terras do Uauassu, quer do paraná, quer do lago.

O paraná do Uauassu é francamente navegável, mesmo ao tempo das vazantes, por pequenas embarcações. É a ligação entre êsse lago e o Aiapuá. No inverno, nos meses de maio e junho, pode ser percorrido por gaiolas, até de 200 toneladas. Suas margens são, em geral, muito baixas, permitindo ver de cada lado inúmeras bocas de lagos pequenos e de paranamirins.

Nesse longíssimo e tortuoso paraná, encontram-se, além das várzeas, terras firmes de pouca elevação, pelas quais se estendem rebo-ladas de castanheiras, sendo a mais notável, por sua abundância, o chamado **Castanha-mirim**, em volta do lago dêste nome. São pouquís-simas, aí, as superfícies que as enchentes não trazam. Destaca-se a ilha do Poção, com moradia habitual.

As margens do lago Uauassu (nome de uma palmeira muito abundante nas suas terras) são altas e extensas, cobertas de castan-hais, sua grande riqueza.

Numerosos igarapés lançam-se nesse lago central, assim classi-ficado pela distância em que se encontra, não sòmente do Purus como do Solimões, que lhe passa pelo lado do Norte e, dêle, separado por imensos igapós pontilhados de lagoas e pântanos.

O Uauassu parece estar na bissetriz do ângulo formado por aquê-les dois rios (Purus e Solimões), mas afastadíssimo do seu vértice. Notei, em alguns lugares dêsse lago, terras avermelhadas e de certa elevação.

Informaram-me que, nas cabeceiras do lago, ou seja, no seringal "Mãe do Rio", há extensos lençóis de argila branca e compacta, no leito dos igarapés.

Saindo-se do Uauassu e retornando-se ao paraná que o liga ao Aiapuá, vemos à esquerda a saída de outro não menos comprido pa-raná, que vem de muito longe: é o paraná do Salsa. Despeja as águas que vêm do lago do mesmo nome e, igualmente, do Solimões, no seu extravasamento através das florestas de sua margem esquerda.

Ao tempo do verão, as águas do paraná do Salsa tingem-se de negro, aparentemente límpidas. No verão, tornam-se esbranquiçadas, barrentas. A margem direita é de massapé, que as enchentes não submergem, enquanto que a esquerda é aluvial, muito baixa, contendo interminos igapós.

Refletindo-se sôbre a origem dessas terras, tem-se a impressão de que, num período bem remoto, não existiam. Aí nesse lugar, hoje ocupado por aquêles igapós e pântanos, deveria ter sido o leito do Solimões um oceano de água doce entre as elevações de Codajás e as do lago do Salsa. No apogeu das enchentes médias, aí, numa área de dezenas de quilômetros quadrados, a piroga do indígena transitando sob a umbela da floresta não acha, em consecutivos dias de viagem, um palmo de terra não submersa. É um mundo de águas sob um mundo de folhagens. Que milhares de anos ainda decorrerão para que a vasa se consolide e se alteie, pelo carreamento constante dos detritos vindos do Solimões?

Tôda a grandiosa região do Aiapuá e de suas circunvizinhanças está dentro da portentosa Hiléia com o seu permistão de solos, que parece mostrar o primeiro passo do Gênesis nesta parte do Continente...

CAPÍTULO II

CARACTERÍSTICAS SOCIAIS

O caboclo amazonense, como já descrevi em outra oportunidade, é geralmente desconfiado em presença de estranhos, pois já tem sido vítima de sua boa fé. Aproxima-se dos ádvenas quando sabe que o recebem com simpatia. Basta sentir que o desprezam e logo se afasta, não com recriminações, mas apenas soltando uma frase, que faz repassar de certa entonação muito característica do seu estado d'alma: "Eu já vou..." E vai para não mais voltar.

No Aiapuá, a população, se bem que amalgamada do elemento nordestino e do indígena, de outras procedências do Amazonas, conserva ainda os traços psicológicos da gente do Rio Negro, com sua bondade e espírito de associação.

Durante três anos de convivência, como professor público, pude observar de perto as excelentes qualidades morais de quantos ali trabalhavam e tinham morada habitual, formando uma grande família bem unida, pela amizade e tendência de cooperação.

Não somente para se divertir se reuniam homens, mulheres e crianças, mas ainda para trabalhar gratuitamente. Convidados ou simplesmente avisados, ninguém faltava aos ajuris. Da mesma forma, não deixavam de comparecer à casa de um amigo doente ou, no caso de morte, ao seu enterramento.

No sentido consanguíneo e afim, todos são parentes. Ao menos, compadres e afilhados. Por ocasião das fogueiras de Santo Antônio e São João, fazem-se, contornando as labaredas e de mãos dadas, os juramentos do parentesco que se deseja ter. Espiritualmente, tornam-se irmãos, primos, compadres, afilhados etc. E tudo se leva a sério. Paraninfei muitas crianças e jovens que, no dia seguinte, me estendiam a mão, pedindo bênção respeitosamente. Os vínculos de solidariedade no Aiapuá eram, a êsse tempo, muito fortes.

Os aviados e outras pessoas mais destacadas na sociedade local, metiam-se na sua roupa domingueira e compareciam à Casa Grande, para visitar o viajante que porventura ali fôsse passar uns dias. Uma fórmula dessa solidariedade humana ouvi, em tantas ocasiões, na ex-

pressão de despedida individual: “Lembrança para quem perguntar por mim”. E cumpre-se o pedido, como verifiquei sempre que, ao encontrar um conhecido, indagava de um outro que ficara. A resposta era, invariavelmente: “Lembrança dêle”.

A vontade de ser útil e agradável é patente no povo. Nos momentos de falta de determinados gêneros de maior necessidade doméstica, vi indivíduos repartirem as derradeiras reservas de sua dispensa. Açúcar, café, sabão, sal etc. cediam-se às migalhas, enquanto não chegasse de fora outra remessa. Numa terra em que a gente é egoísta ou menos tocada da referida solidariedade humana, não se procede assim. Para patentear melhor essa virtude, registro, **currente calamo** duas manifestações de aprêço que assisti por parte da gente do Aiapuá. A primeira se deu em 1904, quando Lourenço Mello, Deputado estadual, encerrado o Congresso Legislativo amazonense, regressou à sua casa. Chegava êle pelo gaiola “Baixo Purus”, então comandado por Carlos Sá. A caboclada, independente de sugestões da família, prepara ao seu chefe e “patrão” uma recepção de grande aprêço. Pintam-se canoas, que são enfeitadas de bandeirolas. Ensaia-se a orquestra local, tentando quase adivinhar a música do hino nacional, pois todo o repertório era de oitava. Alinha-se um discurso de saudação, para o que se abriu um livro intitulado “Secretário Particular” e, dêle, foi amoldado o **falatório** de que se incumbira o **aviado** Christiano Coelho de Santana. O programa foi cumprido e o homenageado desceu a escada do tombadilho entre a sensibilidade do agradecimento e a surpresa.

A deturpação do hino e do discurso podia ter qualquer coisa de ridículo aos ouvidos dos estranhos, mas encerrava uma sinceridade cordial no meio dos vivos e dos foguetórios da recepção.

De outra feita, em 1921, o Dr. Benjamin Lima e sua espôsa Cacilda Araujo Lima acham-se em Aiapuá, na Casa Grande, em visita a seus parentes e amigos, que há muito não viam. Lá estavam também o autor destas linhas e a sua família. Surge a idéia de u’a manifestação de estima aos queridos visitantes. Dois dias durou o preparo da festa, que seria uma **surpresa**, no dizer dos manifestantes. Mas, quem a ignorava? Chega a hora aprazada. Apesar de suspeito ou, melhor, incompatibilizado pelo grau de parentesco espiritual com Benjamin Lima, fui o intérprete dos convivas. Disse-lhe o que deveriam manifestar aquêles corações bondosos. O agradecimento do homenageado, falando também por sua espôsa, foi de uma simplicidade a que não faltou eloquência, ao mesmo tempo jocoso nos comentários da surpresa tão debatida previamente e de pleno conhecimento de todos.

Outro cunho de solidariedade, que descamba das alegrias dos vivos para o respeito aos mortos, tem lugar, no Aiapuá, no dia 2 de novembro de cada ano. Anteriormente todos vão ao Cemitério da Ilha (na

Ilha do Cemitério), para proceder à limpeza da respectiva área. Prepara-se a cêrca geral e reerguem-se as cruces. Naquele dia, tomados de uma piedade sincera, todos os habitantes do lago ali comparecem à hora do crepúsculo, depositando flores e velas nas sepulturas, inclusive naquelas dos que não deixaram parentes ou êstes estejam distantes. Ouvi algumas vêzes esta exclamação: “Coitado! Não tem quem zele por êle. Vou acender uma cerazinha pra êle!”. Uma demonstração de mútua confiança era, nesse bom tempo de antanho, a ausência das intriguinhas tão comuns em lugares pequenos. Nunca ouvi dizer que A estivesse zangado com B. E quando isso acontecia, todos os outros tomavam interêsse no apaziguamento. Durante o largo período em que a família Mello predominou em Aiapuá, não se registrou um assassinato. Na subdelegacia de polícia do Distrito, nunca existiu um cárcere. Vi um “tronco”, de madeira, que fôra mandado fabricar pelo subdelegado Nestor Ramalho, sòmente para amedrontar os muras, quando apareciam embriagados. Não me consta que o aviltante instrumento tivesse servido alguma vez. Na manutenção da ordem, a autoridade moral do chefe aliava-se à índole pacífica da população. Era tudo.

CAPÍTULO III

A CONQUISTA E O PIONEIRO

Ninguém sabe quem foi o primeiro homem civilizado que visitou o lago do Aiapuí. É bem possível que o pernambucano Serafim Salgado e o mulato Manoel Urbano da Encarnação nêle penetrassem pelo meado do século XIX, quando subiram o Purus, em viagem de exploração.

Consta da tradição que Fleury da Silva Brabo, Caripuna Maués e o Capitão Thury, todos negociantes, estiveram nesse lago, procurando conhecer suas riquezas naturais. Mas lá não permaneceram.

O Aiapuí recebeu, em 1850, a visita do Capitão Manoel Nicolau de Mello, natural de Pernambuco. Era, também, negociante, senhor de alguns escravos e casado com uma cabocla do Rio Negro, onde passara algum tempo, logo que viera de sua terra. Além dos servos, possuía crédito na Capital da sua Província. Dizia pertencer à velha e reputada família Bandeira de Mello.

Não sei em que lugar do Rio Negro teria vivido Manoel Nicolau de Mello. Fui apenas informado que, ao chegar ao Aiapuí, entrara em contacto com os índios **muras**, dos quais gostara, certificando-se das vantagens que poderia auferir dos vastos castanhais e seringais daquelas florestas, como da abundância de pirarucus daquelas águas.

Resolvera ali ficar, fixando sua tenda de trabalho e mandando buscar, da terra de sua mulher, fregueses e fâmulos.

Manoel Nicolau era mulato, de porte desenvolvido e de cultura intelectual variada, principalmente em medicina, o que pude inferir à vista de muitas **notas e registros** em um caderno que encontrei, em 1900, em uma estante de livros que lhe pertenceram e que, mais tarde, passaram ao seu filho Lourenço, de quem falarei adiante. Esses livros revelaram-me também a preferência dessa cultura e seu gosto pela literatura clássica. Entre outras obras que observei, lembro-me das seguintes: "Arquivo Pitoresco" (11 volumes), "Palmeirim de Inglaterra", obras de Victor Hugo e de Voltaire, os "Lusiadas", de Camões, "Gil Blas de Santillane", de Lesage, "Sermões", de Montalverne (4 volumes), o "Piolho Viajante" (5 pequenos volumes), tratados de medicina etc.

Informaram-me que o pioneiro da civilização em Aiapuá repartia suas atividades entre os livros e os negócios.

A salga do pirarucu era, na época, o produto mais vantajoso. A esse comércio se dedicara nos primeiros anos do seu estabelecimento, estendendo-o, conjuntamente, à extração da castanha para o que carecia de maior número de braços trabalhadores. Fêz publicar no jornal "Estrêla do Amazonas", de Manaus, em 1856, um anúncio convidando quem quisesse se localizar em Aiapuá para se dedicar à agricultura e à colheita da castanha. Teria, para isso, passagens e auxílio econômico.

Vi êsse anúncio em um dos números daquele periódico apenso aos autos de legitimação de terras do lote "Perseverança", do mesmo lago, lote legitimado anos depois pelo filho Lourenço Nicolau de Mello. Está no Arquivo Público de Manaus. Contaram-me alguns contemporâneos de Manoel Nicolau que muita gente atendeu àquele convite e, realmente, se fixou nas terras marginais do lago.

Os índios muras, que viviam errantes, arrancharam-se em duas malocas: uma situada na enseada do Maués e a outra no igarapé do Bacuri.

Por volta de 1889, o povoamento havia aumentado consideravelmente. O Governo provincial criou, em Aiapuá, uma subdelegacia de polícia e uma Inspetoria de Índios, nomeando para ambas aquêlê pioneiro. Criara também uma escola elementar que foi provida pelo professor Raymundo Nonato de Souza, escola de vida precária, por ter, logo depois de instalada, adoecido e falecido o servidor. Essa escola ficou fechada por alguns anos.

Em 1889, Manoel Nicolau teve necessidade de ir a Lisboa para efetuar uma extração de catarata. Seguiu e foi feliz no tratamento. Regressando ao lago, pouco subsistiu, pois faleceu em 1890. Foi sua morte um grande abalo para os filhos que se estavam educando no Pará e para os seus fregueses, que defendia com tanto ardor.

A êsse tempo, a ilha do Cemitério era um povoado, contendo nada menos de 15 casas, sendo a sede da vida local. Em 1896, quando fui, pela primeira vez ao Aiapuá, passar meu período de férias, algumas dessas casas já se encontravam vazias. Começara a decadência dêsse povoado, apesar de sua magnífica situação, da qual se descortina um lindo panorama.

Com o desaparecimento do chefe, tudo sofreu. O barco denominado "Carolina", que fazia viagem de Recife a Manaus e, daí, ao Aiapuá, de propriedade de Manoel Nicolau, paralisou e, velho e imprestável, foi ao pego, em frente ao povoado da ilha do Cemitério. Quis duvidar da existência dêsse barco; mas diversas testemunhas de suas viagens, no oceano, a vela, e no Solimões e Purus, a sirga e varejão, afirmaram-me o aparecimento do casco revestido de fôlhas de cobre, ao auge das grandes vazantes do lago. Comprova-o, ainda, até agora,

uma grande âncora de cinco garras retirada do local do afundamento e colocada sôbre um pedestal de cimento, ao meio do jardim da casa, hoje em ruínas, dos herdeiros do Coronel Lourenço Nicolau de Mello (falecido em 15 de setembro de 1905), o verdadeiro continuador da obra de seu pai, quer no comércio, quer nas relações sociais. A história de uma localidade gira, às vêzes, em tórno de um homem e de um dos seus descendentes. É o caso do Aiapuá, em relação a Manoel Nicolau de Mello e de seu filho Lourenço, que foi, por circunstâncias econômicas, obrigado a abandonar seus estudos, em Belém, a fim de assumir a responsabilidade da casa comercial de seu progenitor.

Manoel Nicolau deixou vários filhos; conheci os seguintes: Lourenço, Nuno, Leopoldino, Isabel, Benvinda, Raimunda, Mirandolina e Tereza, que ainda vive em Belém.

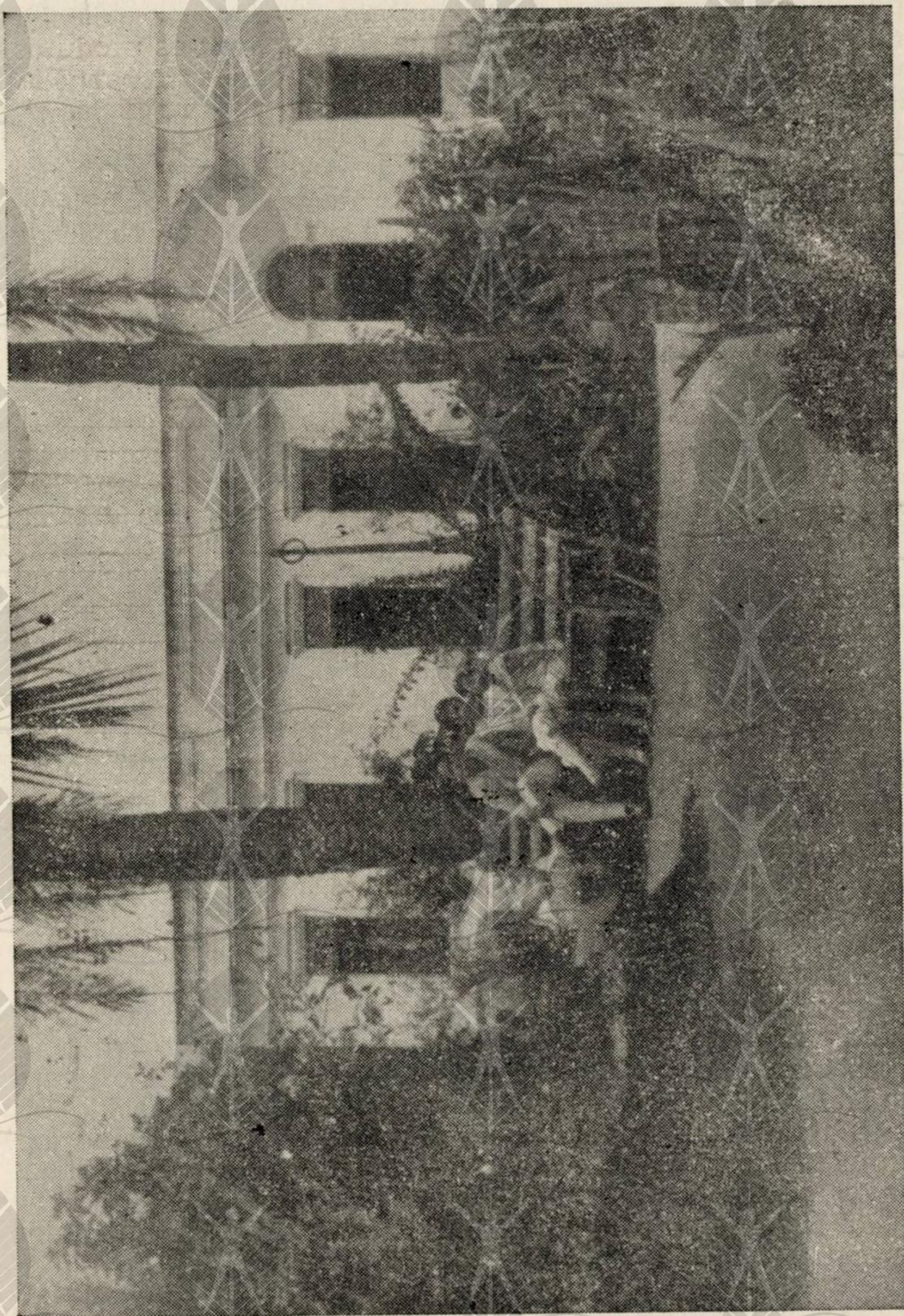
A nova sede da vida comercial de Aiapuá deslocou-se da ponta da ilha do Cemitério para a foz do igarapé Santo Antônio, na parte ocidental do lago. Foi aí que Lourenço Mello, após haver contraído núpcias com Felicidade Augusta Robert, filha do comerciante francês Sebastian Robert e de Felícia Barroso Robert (amazonense), construiu o seu barracão de negócio e de residência.

Nesse local, já existia um "sítio", ou melhor, uma casa de moradia do italiano Ventillari, cuja posse Lourenço Mello comprou, procedendo, mais tarde, à respectiva demarcação e legalização a que atrás aludi. Foi o agrimensor Silvério José Nery que fêz a demarcação dêsse lote, embora seja outro, o italiano Capriti, o nome ostensivo do demarcador. Um grande campo de criação bovina e cavalar aí foi aberto e apascentadas mais de 60 cabeças. Vi-o, de 1896 até 1905, época da morte do seu proprietário, quando o rebanho, quase ao abandono, foi diminuindo, até extinguir-se.

Lourenço Mello era homem progressista e estimava o conforto. Não satisfeito com o seu barracão "Santo Antônio", todo de palha e chão batido, mandou buscar em Manaus pedreiros e carpinteiros, fazendo construir, um pouco além daquele barracão, um vasto prédio, que o povo do lago passou a denominar Casa Grande.

Era, realmente, o maior e mais confortável prédio de todo o baixo Purus, exclusivo para a residência da família, enquanto a Gerência e a Loja continuavam no "Santo Antônio", que, pouco mais tarde, foi substituído por outro barracão todo de madeira e coberto de telhas de barro, ainda hoje existente, mas em estado de ruínas.

Até certo ponto, é verídico o brocardo: "Quando morre o dono, a casa cai". Falecido Lourenço Mello em 1905, a firma comercial de Aiapuá passou para a direção do Dr. Adelino Cabral da Costa, um dos genros daquele saudoso negociante. Adelino, que veio a falecer em 1937, não obstante sua fulgurante inteligência e sua bela cultura, não tinha vocação para o comércio. As transações não eram fiscalizadas. Nunca havia saldos positivos. Sempre o regime de "deficit",



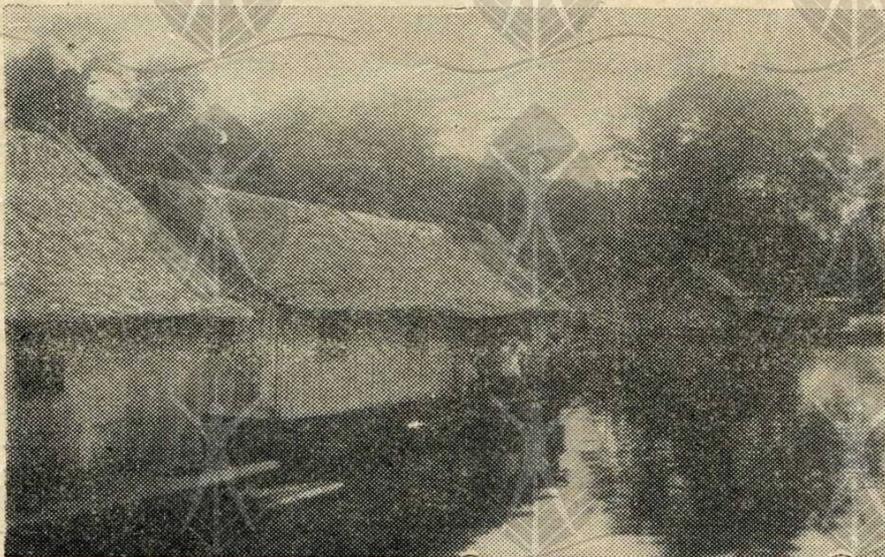
A «Casa Grande» em 1928. A frente, netos de Lourenço Mello. No segundo plano, a âncora da «Carolina».

tempo enfermo em Lisboa, onde faleceu. Fizeram parte dessa comitiva o Dr. Antônio Constantino Nery (no momento Governador do Estado) e seu irmão Silvério José Nery, então Deputado Federal. Não tiveram uma recepção condigna, exatamente pelo motivo da ausência da família Mello.

O Coronel Lourenço, dias antes de falecer, mas perfeitamente lúcido, teve notícia dessa visita e tristemente ponderou: “Lamento que êsses homens, que são meus amigos, não tivessem visitado o Aiapuá, estando eu presente, para o fazer, sòmente agora, na minha ausência”.

Em 1910 estivera em Aiapuá o grande cientista francês, Dr. Charles Richet, que fôra recomenüado pelo Barão do Rio Branco a meu saudoso pai, Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, então Governador do Estado. Ao chegar a Manaus o notável cientista, declarou que desejava pôr-se em contacto com a natureza virgem, no interior do Amazonas. Queria estudá-la, com os seus companheiros de comissão. Ficou assentada uma viagem ao Aiapuá, no aviso “Cidade de Manaus”, pôsto à disposição do sábio. O Governador também seguiu. Cêrca de três dias os excursionistas passaram no lago. O Dr. Richet mostrou-se interessado em estudar o mecanismo do vôo dos pássaros. Vários exemplares foram obtidos e escarnados, medidos e pesados os ossos. Realizaram-se muitos cálculos. E, por fim, Richet, dando mostras de satisfação, declarou ter encontrado, no unicórnio (**rhinoceros unicornis**) ou **caitaum** dos indígenas, o mecanismo aproximado para resolver o problema do vôo artificial que, na época, preocupava o pensamento da França.

Richet regressou do Aiapuá contentíssimo e embevecido pelo panorama do lugar e pelo porte da enorme samaumeira que lá existe, ao lado da Casa Grande.



Flutuantes no Paraná do Salsa

apesar dos progressivos preços da castanha e do pirarucu salgado, nas praças de Manaus e de Belém, para onde se enviavam os produtos das colheitas. A afamada castanha do Aiapuá, que se recomendava por sua limpeza, alcançando, por isso, as melhores vendas naquelas praças (Manáus e Belém), foi sendo relegada a um segundo plano. Os “regatões” começaram a imiscuir-se na freguesia da casa. A 1.^a Grande Guerra, que quase paralisou a exportação da preciosa amêndoa, concorreu para a “débacle”. Comia-se muito mais do que se produzia.

* * *

Os negócios do Aiapuá, no comêço dêste século, giravam sob a firma Lourenço Nicolau de Mello & Irmão. Outro componente era Leopoldino Nicolau de Mello. Aviava-se de Belém, da casa Marques & Cia. Tive ocasião de ver o desembarque, no lago, de grande quantidade de mercadorias de tôda ordem, principalmente em dezembro, comêço da safra da castanha. Em julho, uma carga menos vultosa, para a salga do pirarucu. Todos os produtos, que a firma do Aiapuá reunia, seguiam para aquela capital. Raras vêzes para Manaus. Mais tarde, Lourenço Nicolau de Mello & Cia. passaram a comprar diretamente desta última praça, da firma Armindo Teixeira & Cia., com grandes vantagens para as suas transações. Liquidados os negócios com esta, os aviamentos do Aiapuá foram feitos pela importante casa comercial J. A. Leite & Cia., de Manáus, e, mais recentemente, pela firma (também de Manaus), Higson & Cia. Neste largo período de mais de meio século, que tenho acompanhado a vida social e comercial da região, não me consta que, ali, alguém fizesse uma fortuna nem apreciável economia. Como Saturno da mitologia grega, tudo quanto o Aiapuá vai dando para si ali mesmo desaparece... Tem servido, todavia, e grandemente, às firmas comerciais e aos navios que lhe movimentaram suas mercadorias e, em troca, venderam seus produtos extrativos...

Não há, nas cercanias do lago, uma casa sólida, confortável. De madeira, apenas duas: as residências de Wenceslau Nicolau de Mello e de Carlos Onety de Figueiredo. Tôdas as demais são barracas ou barracões cobertos de palha e chão batido. No entanto, ao tempo de Lourenço Mello, além de sua excelente residência, conheci o bonito “chalet” do seu irmão Leopoldino e a casa de Manoel Balbino de Nápoles, simples, é verdade, mas de construção segura e higiênica. O tempo as deu, o tempo as levou, após o falecimento dos seus proprietários. Nos lugares em que existiram, a capoeira volta ao estado de mata virgem.

* * *

Em 1905 (julho), o Aiapuá foi visitado por uma comitiva ilustre, que se hospedou na residência do Coronel Lourenço Mello, a êsse

CAPÍTULO IV

DESCENDÊNCIA DE MANOEL NICOLAU DE MELLO

Lourenço Nicolau de Mello

Trata-se da figura principal da localidade, não só pela sua cultura, como pela sua ação. Filho do fundador da gleba, tinha o tipo do caboclo. Herdara, certamente, a compleição e os traços de sua mãe. Robusto, inteligência viva, fôra mandado estudar preparatórios em Belém (Pará) com seu irmão Leopoldino. Internado no colégio do Padre Rocha, fêz-se, desde logo, um dos primeiros alunos.

Lourenço contou-me que se conformara com todos os "troles" dos colegas, menos com aquêles que feriam sua dignidade. Por vêzes, teve de repelir as afrontas ou humilhações, estabelecendo reboliços que reclamaram a intervenção do Diretor. Uma delas, referiu-me, foi a seguinte: um grupo de estudantes dos mais alentados entendeu de amofiná-lo constantemente, imitando, com o braço direito, o gesto do pescador quando arpoa o pirarucu. Era mais uma ofensa que não devia ser suportada, assim o entendeu o **caboclo do Amazonas**, expressão com que o chasqueavam sempre. Uma explosão de raiva determinou que o provocado descalçasse um dos seus sapatos e, com êle, investisse no mais irritante do grupo. Lourenço virara uma fera, pondo o colégio em polvorosa. O estrago não foi pequeno. Por um pouco, Lourenço não é despedido, tendo-lhe valido seu comportamento e aplicação aos estudos. Nunca mais o quiseram ridicularizar.

No colégio ficara por três anos, aproximadamente. Seus preparatórios (curso de humanidades) estavam quase a concluir, quando lhe falece o pai. Foi um transtôrno. Teve de recolher-se, com seu irmão Leopoldino, ao Aiapuá e começar a labuta comercial, assumindo, na sua responsabilidade de adolescente, a manutenção e educação de seus irmãos menores, como de alguns sobrinhos órfãos. Fundou o barracão Santo Antônio à foz do igarapé dêste nome, na parte mais ocidental do lago. D. Felicidade Augusta Robert de Mello, sua espôsa, ajudou-o tenazmente, lidando com a **freguesia**, na safra da castanha e da borracha, como ainda na assistência do transporte de lenha (combustível) para os **gaiolas**, no pôrto de Novo Trombetas (no Purus). Lourenço Mello disse-me algumas vêzes que foi êsse o período mais

duro de sua vida. Mas, em compensação, o de maior prosperidade, pela segurança e alargamento dos seus negócios nas praças de Manaus e Belém, para onde enviava os produtos de suas safras.

Na capital, entre seus amigos de infância, se achava meu saudoso pai, o Coronel Antônio Clemente Ribeiro Bittencourt, em cuja casa se hospedava, sempre que vinha à cidade ou em trânsito para o Pará. Eram dois amigos, como raros tenho visto. Quando meu pai se aposentou, no cargo de Oficial Maior (hoje Diretor) da Secretaria Geral do Estado, apenas com a vantagem de 250\$000 por mês, para não se sujeitar a humilhações políticas, no governo de Eduardo Gonçalves Ribeiro, foi imediatamente convidado por Lourenço Mello para ajudá-lo no movimento comercial de sua casa de Aiapuá. Estava eu a êsse tempo (1894/1896) concluindo o curso da Escola Normal do Estado.

O grande amigo de meu pai mandara suas filhas mais velhas Tertunilla e Antônia (Luiza, em casa) educarem-se no Pará, sob os cuidados de Marques Valente, seu amigo e compadre, chefe da firma Marques Valente & Cia. Concluídos o curso primário e o de música, essas meninas retornaram à casa paterna. Em trânsito para Aiapuá, estiveram em nossa residência, em Manaus, onde a primeira prestou concurso para o provimento efetivo da cadeira de ensino elementar daquele lago, sendo nomeada.

Em outubro de 1896, tendo eu recebido o Diploma de Normalista, pleiteei o desdobramento da cadeira mista de Aiapuá, atendendo sua excessiva freqüência. Fui nomeado para a do sexo masculino, que inaugurei a 19 daquele mês e ano. Em breve me tornei genro de Lourenço, que sempre me dispensou a maior consideração e encontrava em mim companheiro nas discussões literárias, como na apreciação de problemas científicos e sociais.

Uma boa biblioteca, sempre aumentada e de obras escolhidas era uma das nossas distrações. Escolhíamos temas para estudo e discussão. Às vezes, assuntos literários; outras vezes, conceitos filosóficos. E escrevíamos para jornais de Manaus.

Lembro-me de uma série de artigos que Lourenço Mello escreveu e publicou no jornal "Amazonas", assinado "Os seringueiros" e, ainda, de um trabalho que intitulou "Os pagés", lançando um formidável ridículo nos curandeiros do interior.

A propósito dêsse trabalho, ouvi do Dr. Henrique Alvares Pereira, médico ilustre e então redator-chefe daquele órgão da imprensa baré, o seguinte juízo, após haver lido "Os pagés": "se êste matuto andasse há mais tempo treinando aqui, nos jornais, já seria um escritor de raça". Preciso dizer que o galeno não sabia que eu era genro do chefe do Aiapuá.

Outro passatempo de Lourenço Mello consistia em cultivar a música. A flauta era o seu instrumento predileto e executava-a com emoção. Em determinados dias da semana, reunia seus irmãos Leopoldino e Nuno, êstes ao violão, e tocava alguns números do seu largo repertório, após o jantar. Vi-o algumas vêzes fazendo transposições, no pentagrama, para determinados tons que mais conviessem ao diapasão da flauta. Nada de oitava. Deixou álbuns de músicas, quase tôdas copiadas por sua letra. Ao executar uma partitura, conservava sempre ao ombro um lenço grande, vermelho, do Aveiro, o qual, de quando em quando, passava sôbre o instrumento.

Era madrugador. Levantava-se às 4 horas e, logo sentado em uma cadeira de embalo, na sala de jantar (varanda), reclamava o café. D. Felicidade, sua espôsa, jamais se conformou com êsse regime. Algumas vêzes, fêz-me despertar para conversarmos e vermos o lindo despontar do sol por trás da floresta que, ao longe, limita as águas do Aiapuí. Quando não, chamava o **curumi** (menino) João Ituá, seu remador e, na canoa "Piolho", assim chamada por ser chata como uma tábua, rumava para a casa de um dos seus fregueses com quem ia palestrar, até o surgir d'alva.

Lourenço Mello gostava de obsequiar a quem lhe batesse à porta, ou formular convites a pessoas de representação. Viajantes em trânsito, no seu pôrto, eram quase sempre solicitados a desembarcar. Um lauto almoço lhes era servido. Dentre diversos, recorde o ágape oferecido aos Drs. Gaspar Guimarães, mais tarde Desembargador, e Thaumaturgo Vaz, poeta de fina sensibilidade. Iam êles em comissão do Governo do Estado, no aviso de guerra "Juruá", até à cidade de Lábrea, para abrir um inquérito judicial. Tinham entrado no lago, desviando-se, assim, de sua rota, no Purus, para comprarem um **rancho**, o que conseguiram fartamente, sem que tudo custasse um real. De outra feita, lá estêve o almirante José Carlos de Carvalho, em excursão oficial ao Território do Acre. Em impressões de sua viagem, insertas no "Jornal do Comércio", do Rio, referiu-se a Lourenço Mello e afirmou "ser muito estimado por sua caboclada".

Era espontâneo, nesse homem, o espírito de gentileza e obsequiosidade. Sua casa nunca deixou de ter hóspedes que, ao se retirarem, levavam numerosas ofertas, tais como: sacos de castanha, **capoeira** de galinhas, doces, farinha fresca, frutas, tudo sem bajulação, pelo único interêsse de ser agradável. Êsse traço liberal e altruista do seu caráter fê-lo vítima, em várias ocasiões, no trato do comércio, pois **aviados** seus houve que não lhe pagaram, por esperteza, as mercadorias compradas. Dizia êle: "Deus tem mais para dar que o diabo para levar".

Em dias de dezembro de 1899, a Casa Grande estêve repleta de gente de Manaus. Lá se reuniram as famílias dos Coronéis Antônio Bittencourt e seu irmão Francisco Bittencourt, Francisco Ferreira de

Lima Baçury, Eusébio Caldas e Joaquim Rodrigues Teixeira. Que satisfação imensa para Lourenço Mello e sua espôsa! Quando os hóspedes tomaram o navio e regressaram àquela Capital (tendo eu ficado, no meu afã escolar), não se descreve a tristeza que deixaram na fisionomia daquele homem que parece ter nascido para os grandes convívios da inteligência e do coração.

* * *

A casa comercial do Aiapuá tinha organização. Seu chefe não perdia um papel. A escrituração feita por êle ou por seu guardalivros andava em dia. Terminada cada safra de castanha, de borraça ou de peixe, os fregueses recebiam suas contas-correntes, que não eram entregues sem que Lourenço Mello as conferisse.

No fim de cada ano, reunia e mandava encadernar, em volumes fortes, pela ordem cronológica, tôda a correspondência recebida. Nos "Copiadores", estava tudo que se expedia. Arquivavam-se os "Caixas", os "Borradores" e os "Razões", que se iam enchendo de escrituração. Isso vinha de alguns anos, tudo em grande armário envidraçado, que se abria e limpava constantemente.

Falecido seu proprietário, êsse valioso Arquivo foi retirado e pôsto em caixotes, num armazém-depósito fechado. Os ratos e cupins em pouco tempo deram cabo dêle. Em 1921, quando estive em Aiapuá, fui ver êsse depósito. Contristava verificar a destruição completa, daquilo que tanto custara. Livros e documentos estavam reduzidos a pó...

Lourenço Mello não era sòmente do comércio. Prestou também bons serviços na manutenção da ordem pública, na qualidade de subdelegado de polícia do respectivo Distrito. Nunca precisou valer-se do prestígio do seu cargo para se impor aos seus concidadãos, porque, acima de tudo, pairava a sua autoridade moral, a fôrça que é a um só tempo respeito e disciplina.

Exerceu, igualmente, por um largo período, o mister de Inspetor de Índios. E, nessa função, jamais consentiu que um mura fôsse maltratado.

Para a legislatura de 1904-1906, foi eleito Deputado ao Congresso Amazonense. Entre as medidas que conseguiu vitoriosas, naquela Casa, estêve a melhoria da navegação do Purus, com uma linha subvencionada pelo Estado.

Lourenço faleceu a 15 de setembro de 1905, em Lisboa, em presença de sua espôsa, do seu filho Wenceslau e de vários amigos. Sentindo fugir seus últimos instantes, levantou os olhos, dirigindo-se para a sua fiel e boníssima companheira de tantos anos de lutas, D. Felicidade Mello, e pronunciou: "Manda dizer ao Antônio". E baixou a cabeça... Referia-se ao meu pai, que se achava em Manaus. Era

o derradeiro lampejo de um homem bom, que se voltava para o seu maior amigo, na ânsia de, ainda uma vez, estreitar seus espíritos que, seguindo o caminho da luz eterna, devem estar no seio do Todo Poderoso.

Leopoldino Nicolau de Mello

Outro filho do Capitão Manoel Nicolau de Mello. Conheci-o bastante. Numerosas vêzes fui à sua casa, no lugar Ponta, no lago do Aiapuá, onde discutíamos assuntos literários e de interesse do Amazonas. Era um tipo alto, muito moreno, quase prêto, de cabelos lisos, usando cavanhaque. Figura de fidalgo. Sempre calçado. Nunca o vi entregue a trabalhos braçais. Passava a maior parte do tempo lendo ou fazendo a escrituração dos seus negócios.

Leopoldino era, certamente, um homem sem preocupações. As deliberações, que tomava, quer nos negócios, quer em empreendimentos particulares, provinham do seu irmão Lourenço. Com êste, foi educado em um colégio de Belém, no qual pouco faltou para concluir seus preparatórios, por causa do falecimento do pai, tal como sucedera a seu referido irmão Lourenço.

Foi uma inteligência que não evoluiu, apesar de certa base cultural, porque se isolara, na sua *tebaida*, sem a luta pela vida, num ambiente em que tudo lhe era fácil. Anos se passavam sem ir a Manaus ou a Belém.

Dissera-me que, se continuasse seus estudos, seria médico. Acreditei na sua assertiva, porque gostava de estudar casos patológicos e aplicar a homeopatia do Dr. Sabino. Conhecia-lhe profundamente o respectivo tratado.

Leopoldino Mello era um viciado no fumo, preferindo o charuto. Comodista, não queria ter iniciativas, esperando os acontecimentos. Fácilmente sugestionável, enganavam-no na sua boa-fé. Alguém lhe metera na cabeça existir, no lago do Jari, à margem direita do Purus, um grande seringal, notícia que foi confirmada por um pagé de sua confiança. Mandou a êsse lago várias expedições, cada qual durando mais de um mês, despendendo muito *rancho*. Mal chegava uma diligência, outra se preparava. Eram argonautas que procuravam o velocino de ouro de uma nova lenda. Para o visionário, o seringal cujas árvores estavam a rebentar de seiva era certo. Nesta ilusão viveu e arruinou-se o meu velho amigo.

Foi casado com Maria Curisi Roberto, irmã de D. Felicidade Augusta Robert de Mello, de quem tenho falado. Tratava-o de **Seu Leopoldo**. Mulher branca e muito trabalhadora, excelente espôsa. To-

davia, não nascera para mandar, pois entregava-se, no meio de suas caboclas, aos serviços mais pesados, sob um sol ardente, no plantio, capina e colheita de roças, como no fabrico de farinha. Vi-a, por várias vêzes, capinando o terreiro da casa, porque suas **cunhantãs** nada faziam se, também, ela não fôsse trabalhar. Leopoldino sentado em uma cadeira de embalo, fumando e, a cada instante, sorvendo uma xícara de café, contemplava aquela cena de humilhação voluntária de sua espôsa. E ela assim o queria e nada estranhava.

Para ilustrar até que ponto ia a falta de atitude, a pasmaceira de meu saudoso amigo, narro o seguinte fato: o “chalet” de sua residência, construído em 1902, nunca mais fôra beneficiado por uma pintura ou outro qualquer reparo. Em 1921, estava muito estragado, apresentando fendas nas paredes e abaixamentos no soalho. Um quase estado de ruína. Da. Curisi propusera a mudança para o barracão das Festas, que ficava um pouco adiante. O marido entendia que isso dava muito trabalho. E o adiamento ia-se prolongando... Pois bem. Em uma memorável noite (às 20 horas) de outubro daquele ano (1921) sentiu-se um terremoto, resultado de uma erupção vulcânica, no Peru. Estava eu no Aiapuá. Com o abalo sísmico, grandes blocos de argamassa das paredes de taipa da casa de Leopoldino Mello vieram abaixo, destruindo móveis e lançando o pânico e a desordem na escuridão da noite. Foi somente nessa ocasião que o homem se mudou. No dia seguinte fui vê-lo, encontrando-o a fumar um grande charuto...

Até à morte de Lourenço Mello, os seringais do Aiapuá eram explorados anualmente. Leopoldino possuía o de nome “Cabeceira do Aiapuá”, um dos melhores, mas distante do lago cerca de três dias de viagem em canoa. Em julho de cada ano, para lá seguia, com a família e fregueses. Uma flotilha de, talvez, trinta **igarités** e **montarias** transportava o pessoal de seringueiros e outros trabalhadores, conduzindo igualmente galinhas, cães e outros **xerimbabos**. De regresso, em outubro, após aquela gente ter renovado suas roças, retirava-se. À frente, vinha a nau capitânea do chefe seringalista. Desciam as embarcações **bebendo água**, isto é, bem carregadas de borraça, óleo de copaíba, paneiros de farinha, beiju, carás, bananas, etc. produto das plantações que fizeram nos últimos dias da safra anterior.

Leopoldino e família iam repousar da viagem incômoda, para, logo, cuidar da limpeza do terreiro e do campo de pastagem do seu gado.

Leopoldino Mello e Da. Curisi faleceram, êle há uns 25 anos e ela, há cerca de 15. Deixaram os seguintes filhos: Achilles, Gastão e Sarah. Foram meus alunos ao tempo em que lecionei naquele lago. Casaram-se e deixaram filhos os dois primeiros.

Nuno Alves de Mello

Filho de Manoel Nicolau de Mello e irmão de Lourenço e Leopoldino pelo lado paterno. Alto, robusto e claro. Quando o conheci, em 1896, poderia ter 25 anos e era solteiro. Tinha boa letra e possuía o curso primário. Escreturava os livros comerciais do estabelecimento do irmão Lourenço, como atendia aos fregueses no balcão.

A casa comercial do Aiapuá movimentava uma canoa grande de regatão que andava de pôrto em pôrto do lago, bem assim na zona do Purus. Chamava-se "Cacilda". Algumas vêzes Nuno tomava conta dessa embarcação, dando boa conta dos negócios. Sabia tocar violão, em acompanhamentos.

Casou-se com uma sobrinha, Ignez Pôrto, filha de sua irmã Isabel. Acudia pelo nome familiar de Mirica, hoje falecida. O casal teve duas filhas, havendo uma delas falecido em criança. A outra, de nome Raymunda, fêz o curso da Escola Normal do Amazonas e lecionou no interior do Estado. Em família chamavam-na "Pretinha". Casou-se com o negociante português Antônio Mendes Cavaleiro, que mais tarde morreu, deixando-lhe uma filha que veio, a consorciar-se com Orestes Faria de Mello, filho de Wenceslau Nicolau de Mello.

Um fato interessante passou-se entre Nuno Mello e eu. Éramos solteiros e morávamos no mesmo quarto no barracão "Santo Antônio". Era véspera de sexta-feira da Paixão. É hábito, ainda hoje, prepararem Judas e seu "testamento", no Aiapuá, contendo sátiras, alusões maliciosas e desabafos. Nuno andava estremecido com o irmão Lourenço em cuja casa morava e de quem era caixeiro. Quis fazer-lhe num "testamento" de sábado de aleluia uma dessas alusões. Escreve-as, com letra bem disfarçada, e deixa o "testamento" para a ocasião oportuna, sôbre papéis em branco, numa estante-depósito. Poucos instantes depois, Lourenço manda pedir-me uns cadernos de papel. Vou à estante e satisfaço o pedido. Ignorando o que ocorria e sem reparar, mando também o "testamento". Lourenço compreendeu o meu engano e achou muita graça. Não deixei de ficar vexado e Nuno muito encabulado, por alguns dias.

Anos mais tarde, Nuno Alves de Mello, indisposto com o irmão, por motivos particulares, retirou-se do Aiapuá, passando a viver em Manaus. Fêz-se prático do Purus e, depois, comandante de uma lancha que viajava no mesmo rio. Sempre foi um homem retraído e bisonho. Faleceu naquela capital. Sem qualquer remuneração, trabalhei no seu inventário constante de um depósito de 8:000\$000 na firma Mendes Cavaleiro & Cia. e de dois lotes de terras: um excelente castanhal em Uauassu e a Ilha do Cemitério, no Aiapuá.

Izabel de Mello Pôrto

Filha de Manoel Nicolau de Mello, possivelmente a mais velha. Era alta, gorda, tipo da cabocla do Rio Negro, onde provavelmente nascera. Quando a conheci, em 1896, em companhia do irmão Lourenço, já era viúva, tendo os seguintes filhos, que viviam a seu lado: Silvino de Mello Pôrto, por alcunha Vianna, Ignez Pôrto (que se casou com seu tio Nuno) e Arcelina, que morreu sem descendência.

Da. Izabel trabalhava muito bem em roupas de homem. Trabalhadora, algumas vezes a vi fazendo serão, debruçada na máquina de costura.

Silvino foi um dos sobrinhos que Lourenço Mello mandou educar no Pará. Regressando ao Aiapuá, após ter aprendido o curso primário, fêz-se caixeiro da casa comercial do tio. Era um temperamento exaltado e um "Don Juan" temível. Foi um dia admoestado pelo parente e protetor. Não se conformou. Repeliu a admoestação e desafiou o tio para um pugilato, o que não teve lugar por intervenção de pessoas presentes. Foi, então, despedido do serviço da firma. Da. Izabel colocou-se, na questão, ao lado do filho e partiu para Manaus, levando os demais e indo residir, temporariamente, em nossa casa.

Com o produto da indenização feita pela Prefeitura de um terreno situado onde é hoje a Avenida Eduardo Ribeiro, daquela Capital, indenização que lhe foi obtida por meu pai, comprou uma pequena casa à Avenida Humaitá (da mesma capital) e para lá se transferiu. A filha Arcelina ficou, por muitos anos, residindo com a família Bittencourt. Da. Izabel de Mello Pôrto, faleceu há cerca de 40 anos. Seu filho Silvino ainda vive, em Coari, onde é negociante e possui, segundo me informaram, um pequeno castanhal. Tem descendência.

Benvinda de Mello Gomes

Outra filha de Manoel Nicolau de Mello. Cabocla, gorda, forte. Foi casada com José Manoel Gomes ou, por alcunha, José Guerra, português, alto, quase agigantado, que era empregado da casa comercial do cunhado Lourenço Mello e sobre o qual falarei em outro capítulo.

Benvinda Mello foi uma excelente mãe de família. Todos a estimavam, devido à sua gentileza e espírito caritativo. Como seus irmãos, tocava bem violão. Quando eu e os de minha família a visitávamos, desdobrava-se em atenções. O casal teve os seguintes filhos, todos meus alunos, na escola do Aiapuá: José (Manduca), Bernardino (que acudia pelo nome de Sabóia), Agripino Nuno (por alcunha Ca-

nário), Sandoval e Raymunda (Mudica). Todos já são falecidos, exceto o Sandoval, que é guarda-livros no Lago.

Depois da morte do marido, fato que ocorreu há cerca de 40 anos, Da. Benvinda, pobre e com o encargo de filhos menores, transferiu sua residência, do lugar "Igarapé do Paiol" para outro, no campo da Casa Grande, para que melhor fôsse assistida pelo irmão Lourenço e cunhada, Da. Felicidade Mello. Foram êstes, como já mencionei atrás, os beneméritos da viúva e dos órfãos, até que os sobrinhos se educassem e ficassem adultos.

Quase todos os filhos de Da. Benvinda casaram-se e tiveram descendência. Afastado do Aiapuá há alguns anos, ignoro o seu paradeiro. A viúva faleceu há, talvez, 15 anos, deixando saudades a quantos a conheceram.

Raymunda de Mello Lorencini

Conheci, há cinco décadas, esta irmã de Lourenço Mello. Cabocla, alta, gorda, aparentava ter 40 anos. Vivia no Aiapuá, casada com o italiano João Lorencini. Habitava a casa do irmão, enquanto o marido morava em Manaus, no bairro Cachoeirinha. Costurava roupas de homem e ajudava nos serviços domésticos. Era conhecida por Da. Mundica. Teve um único descendente: Lourenço (Lourencinho), que ficou em Aiapuá, em casa de Da. Felicidade, quando a mãe foi fixar residência em Manaus, em companhia do marido. Esse rapaz, doente de macrocefalia, sempre foi tratado por Da. Felicidade com carinho e piedade. Faleceu, naquele lago, ainda jovem. João Lorencini e a mulher morreram em Manaus há cerca de 30 anos.

Thereza de Mello Pinto

Esta filha de Manoel Nicolau de Mello tinha tipo diferente do das irmãs. Clara, alta, esbelta, cabelos ondulados. Solteira ainda, habitava a casa de seu irmão Lourenço, onde ajudava Da. Felicidade nos trabalhos domésticos. Casou-se com um caixeiro do estabelecimento, Domingos Ferreira Pinto, que, mais tarde, passou a viver no Pará (Belém), empregado no comércio e, depois, na Prefeitura Municipal, na fiscalização dos jardins. Era de origem portuguesa. O casal Domingos-Thereza teve quatro filhas: Alexandrina, Maria, Sulamita e Adélia. Thereza é a única sobrevivente da numerosa prole do Capitão Manoel Nicolau de Mello. Vive em Belém, em uma agradável casa da Cidade Velha (rua Dr. Assis). Seu ambiente é de tal forma acolhedor, graças à sua extrema bondade e mansidão, que se constituiu em um consulado para todos os numerosos parentes quando de passagem pelo Pará.

Mirandolina Mello

Vivia em casa de seu irmão Leopoldino, ajudando Da. Curisi nos afazeres domésticos, como no plantio e colheita das roças. Clara, alta e muito gorda. Uma das criaturas mais volumosas que tenho visto. Muito trabalhadora e retraída, faleceu solteira.

Virgílio Mello

Irmão de Lourenço Mello. Quando cheguei pela primeira vez, em Aiapuá, já não residia neste lago, mas em Manacapuru. Ignoro se deixou família.

CAPÍTULO V

CONTEMPORÂNEOS DE MANOEL E LOURENÇO NICOLAU DE MELLO

Além das pessoas mencionadas, integrantes da família Mello, outras importa mencionar ainda, porque dêste ou daquele modo se saíam na comunidade local, e o retrato desta ficaria incompleto se não fôsem evocadas. São figuras que emergem na minha memória, ainda bem vivas, na humildade de suas vidas, cada qual com uma legenda de trabalho, luta ou amizade. Testemunham o esforço de uma geração pioneira, em pleno processo de fusão étnica e integração social — o índio, o africano, o nordestino e o português, mesclados no mesmo destino, que se repetiu por tôda a Amazônia com as mesmas características e feições que vi no Aiapuá.

Justino José de Almeida

Os portugueses têm varado todos os quadrantes da terra. Ao Aiapuá foram ter alguns representantes da raça intrépida, entre êles, na segunda metade do século XIX, Justino José de Almeida e José Manoel Gomes. O primeiro lá estava, segundo me disse, desde 1862, e nunca mais fôra a Manaus. Quando chegou à Capital baré, vindo de sua terra, exerceu a profissão de padeiro. Manaus, que êle me descreveu, era uma grande aldeia, tal o seu atraso. Contaram a Justino vantagens extraordinárias do Purus, rio de grande futuro comercial. Outros patrícios seus, como Luiz Gomes, estavam encaminhados. Nasceu-lhes o desejo irresistível de **tentar a vida** no Aiapuá, onde Manoel Nicolau de Mello recebia de braços abertos os ádvenas. Seguiu e, ali, assentou o arraial de seu trabalho, dando-se bem. Casou-se com uma índia da localidade. Teve diversos filhos, todos falecidos, menos o último, Francisco, que mora em Beruri (rio Purus). Desde que chegara ao lago, não se ocupou de outra cousa senão do seu comércio, como **aviado** dos Mello.

No comêço era analfabeto. Mas viu-se obrigado a aprender a ler, escrever e fazer as quatro operações aritméticas, a fim de satis-

fazer imperativos dos seus negócios. Mantinha boas relações comigo, escrevendo-me muitas cartas, em letra quase ilegível e português caçanje. Tratava-se, porém, de um homem digno de consideração pela sua idade e lealdade. Justino poderia ter 70 anos, mas de uma robustez invejável. Lembro-me do seu aniversário: 13 de dezembro, véspera do meu.

Como comerciante, colocava seus interesses acima dos da coletividade, norma, aliás, seguida por muita gente que se inculca educada e patriota. Para o comprovar, vejamos o seguinte fato: Justino conversava um dia com meu pai, ressaltando as dificuldades, cada vez maiores, dos negócios. Dizia: "Sr. Bittencourt, já não se pode mais negociar. Os nossos fregueses estão muito espertos. Discutem preços e querem prestação de contas. Vivem sempre reclamando, o que não se dava outrora. Tudo isso é devido a essa escola pública que aqui funciona. Os muras já vão sabendo ler e contar. Peço-lhe, Sr. Bittencourt, que, de cooperação com o Sr. Lourenço Mello, acabe essa escola. So assim poderemos transacionar à vontade".

O Coronel Bittencourt retrucou imediatamente: "Isso não pode ser, porque o ensino traz o progresso e, com êle, o desenvolvimento do comercio. É exatamente nos centros adiantados que se formam as grandes fortunas. A civilização traz novas exigências para a vida social. E tudo que sai para o consumo passa pelos estabelecimentos comerciais". "Não se contesta, afirma Justino, mas dantes, quando eu trabalhava com os muras, ganhava mais..." A mentalidade do velho português estava prêsa à rotina e à lei do menor esforço, na auferição do lucro.

O velho Justino, assim o chamavam, não bebia, conservando-se corado, de rosto liso, como se tivesse apenas 20 anos. Estêve por duas vêzes à morte. De uma feita, adoeceu gravemente. Situação alarmante. Conduziram-no para o barracão Novo Trombetas, no Purus, à passagem dos navios. Considerado certo o seu falecimento, prepararam-lhe o caixão mortuário, formado de grossas tábuas de itaúba, porque, ali, não havia outra madeira. Mas o enfêrmo reajustou suas energias físicas e se restabelece. Sabendo da existência do caixão, que servia, depois, para a prisão de tracajás, dá boas e gostosas gargalhadas.

De outra vez Justino achava-se no pôrto daquele barracão, a bordo de um **gaiola** que descarregava. Uma pesada corrediça desabalha-lhe na cabeça. Cai sem sentidos, desacordado, por algumas horas. Restabelecido, era o mesmo homem, apenas com uma grande cicatriz. Tinha, por certo, fôlego de gato...

Todavia, muito mais tarde, a Parca, inexorável, chegou e conduziu o popularíssimo "velho Justino". Houve a dispersão da família. Hoje, a casa em que habitou, à foz do igarapé do Cemitério, é uma **tapera** que nos traz a saudade e a melancolia.

José Manoel Gomes

Português hercúleo, honesto, destemido, profundamente leal. Sua palavra era uma garantia à semelhança de João de Barros, da história de sua pátria.

Acudia pelo nome de José Guerra. Casou-se com Benvinda Mello, filha do Capitão Manoel Nicolau de Mello, conforme atrás registrei. Caixeiro ambulante do seu cunhado Lourenço, encarregava-se de abastecer de mercadorias e receber os respectivos gêneros, os postos de exploração, isto é, as feitorias de castanha, borracha e pirarucu. Realizava, por tôdas, um circuito até regressar ao barracão-matriz.

José Guerra era analfabeto. Mas guardava de memória, por longos dias de viagem, tudo que entregava e tudo que recebia de cada freguês, em número elevado. Para a formação das contas de cada um, ditava ao caixeiro do balcão o movimento ocorrido. Jamais houve um engano, uma reclamação no balanço das contas, por omissão ou erro de lançamento. Nunca vi memória tão prodigiosa. Não consta que tivesse surrado alguém. No entanto, todos o respeitavam e estimavam. Contava-se que, sozinho, ao surpreender os ladrões de castanhas, nas propriedades do cunhado, expulsava-os e tomava-lhes o produto, tendo à mão apenas um terçado (facão). Preferia viajar sem companheiros, êle próprio remando, sempre com o rifle ao lado. Contou-me que, uma das vêzes, quando subia o paraná do Uauassu, teve necessidade de ir à terra. Saltou e, logo, foi surpreendido por uma grande onça, que se colocou entre êle e a *igarité*, pronta para agredi-lo. O animal levanta-se nas patas trazeiras e procura subjugar-lo. José Guerra segura-o nas patas dianteiras, mantendo na posição vertical. A luta durou cerca de um quarto de hora. Mas o interessante era notar que o felino se esforçava por não consentir que seu adversário se aproximasse da embarcação, ora olhando-o de frente com a dentuça à mostra, ora virando a cabeça para trás, a fim de ver o rifle que estava à proa da *igarité*. Parecia compreender que ali se achava o instrumento de sua derrota. Mas José Guerra era, além de hercúleo, valente e destre. Foram os dois até a embarcação. A onça, já um tanto cansada, é sacudida para um lado e, rápido, o rifle entra em ação. Terminou o drama com a vitória de José Gomes. Ao finalizar sua narrativa, disse-me o saudoso amigo: "O senhor bem sabe que a onça é um animal valente, atrevido e traiçoeiro, **mas não é mais homem do que o homem**".

Na minha muito longa vida de professor (52 anos de magistério), poucas vêzes pude observar tão grande empenho de um analfabeto em prol do ensino e educação dos seus filhos, como naquele pai, de inteligência fechada para a cultura, mas de esperança alerta para a valorização de sua prole.

Manoel Balbino de Nápoles

Caboclo corpulento, de fisionomia aberta, comunicativa. Quando conheci o **Seu Bailão** (êste era o seu nome popular), Manoel Balbino, amazonense da gema, trabalhava como **aviado** de Lourenço Mello. Isto, no apagar das luzes do século XIX. Casado, já possuía dois ou três filhos menores. Com êle e família, viviam sua mãe, padrasto e irmãos e agregados. Era uma casa cheia e alegre. Dentre essa gente, vários formavam uma orquestra. Os Nápoles eram músicos por vocação. Sabiam conviver e distrair-se. Quanta felicidade no seio daquela família numerosa em que todos trabalhavam e se estimavam, vindo de Bailão o espírito de ordem, o exemplo do ajustamento social! Morando perto dessa gente, tomei parte, algumas vêzes, nas suas **rezas** aos sábados, quando, também, reuniam os demais parentes e amigos. Da. Catita, irmã do Chefe da casa, mostrava-se incansável no obsequiar aos convivas. No primeiro quinquênio do século atual, Manoel Balbino pela sua diligência, número de fregueses e vulto dos negócios, chegou a ser o maior **aviado** da firma de Lourenço Mello. Tinha a preocupação de progredir. Esforçava-se em adotar as boas maneiras, no trajar, no falar, no viver, enfim. Sua cultura intelectual não ia além do curso elementar, mas tinha uma caligrafia invejável. Quando seu **patrão** construiu a Casa Grande, o seu **Bailão** imediatamente fêz a sua, em menor proporção, na qual recolheu a mulher e os filhos, deixando a parentela na **casa velha**. No seu nôvo aposento, predominava o asseio. À maneira dos japoneses em seu país, não entrava sem que deixasse à porta o calçado, mudando-o por outro bem limpo. Esse exemplo, porém, não conseguiu imitadores, nem por parte dos próprios filhos. A espôsa de Manoel Balbino era filha do velho português Justino José de Almeida. Um dia, acompanhara o marido a Manaus, onde nunca havia pisado. Vai o casal hospedar-se em um quarto cimentado, na residência do negociante José Joaquim Pucu, à rua do Igarapé de Manaus. Da. Marocas, a espôsa, fica intrigada com aquêle piso duríssimo. Indaga que barro era aquêle, depois de forçar o tacão dos sapatos, ao que Bailão responde: "Isto é cimento, mulher; é assim mesmo."

Manoel Balbino não queria **ficar por baixo** em matéria de cultura. Quando se achava nas aperturas de um círculo, arranjava uma saída, verdadeira ou falsa. Em certa ocasião, fazia êle parte de um grupo de matutos, no qual todos conversavam. Surgiu, em um dos assuntos, a palavra "anfíbio". E, logo, um dos circunstantes pergunta: "Que é anfíbio?" Todos os olhares convergem para o Bailão que, sem muito pensar, responde: "Ora, vocês não sabem! Anfíbio é um pássaro que tem o papo muito grande". É ocioso dizer que os fregueses engoliram a pêta e o explicador saiu triunfante...

Repetidas vêzes, no Aiapuá, disseram ao ingênuo caboclo que, em Manaus, o comércio retalhista e tantos serviços da cidade estavam entregues a indivíduos que exploravam os incautos chegados do interior. Que não lhes pagasse o primeiro preço pedido, era a recomendação que lhe faziam. Bailão, ao aportar à Capital amazonense, toma um bote e vai à terra. Paga o transporte, pedindo e obtendo redução do “quantum” exigido pelo catraieiro. Contrata, depois, o transporte da bagagem, para casa do velho Pucu, conseguindo o abatimento por parte do carregador. Vai, em seguida, a uma tabacaria e aí compra, com redução pedida, alguns maços de cigarros. “Não há dúvida, para viver aqui, é necessário especular e muito”, refletiu o viajante. E sai a passeio. Toma um bonde e pergunta ao “condutor” que se aproxima: “Quanto é a passagem?” — “Duzentos réis”, responde o homem, batendo entre os dedos alguns níqueis. “Deixe por menos”, retrucou Bailão. “Não posso, é a tabela da Companhia”, insistiu o “condutor”. Trava-se pequena discussão. Resultado: o passageiro compreendeu o ridículo em que estava caíndo, pagou os duzentos réis e, daí por diante, ficou sabendo que há preços fixos.

Manoel Balbino enviuvou por volta de 1908. Foi uma derrocada para a sua vida doméstica. Um dia, vai a Manaus. Contamina-se em alguma espelunca, regressando a seus penates bem enfêrmo, mas guardando sigilo sôbre a causa do seu mal. Eventualmente, na ocasião, entra no Aiapuá, um navio em que viajava o Dr. Hermenegildo de Campos, clínico de prestígio. É chamado e faz o diagnóstico. Era um caso perdido. O enfêrmo dirige-se ao médico e pede: “Doutor, não diga nada a ninguém.” E, no dia seguinte, Balbino dá a alma ao Criador, findando-se um homem bom, trabalhador e esforçado.

Não mais existe a sua confortável residência. Arruinou-se e desapareceu. No seu sítio, há apenas o matagal, confirmando-se, mais uma vez, o brocardo: “Quando o dono morre, a casa cai”.

Carlos Fleury da Silva Brabo

Quando aportei ao Aiapuá, pela primeira vez, lá encontrei o Sr. Carlos Fleury. Seu pai era um negociante que agia no baixo Purus, tendo sua casa comercial em Codajás, segundo me informaram. Moço, poderia ter 25 anos, morava, com a família, à margem esquerda do igarapé Santo Antônio. Fleury era um homem alentado: gordo, alto, moreno. Natural do Amazonas, fôra educado na Bahia, onde fêz o curso primário. Sua caligrafia provocava inveja. Trabalhava como guarda-livros da firma Lourenço Nicolau de Mello, cuja função desempenhava com pontualidade e completa limpeza. Carlos Fleury conservava as atitudes de um fidalgo, as quais destoavam, por certo,

naquele ambiente de desprendimento de hábitos e costumes. Sempre calçado e procurando falar uma linguagem correta, nunca o vi com a roupa enxovalhada. Era inegavelmente um homem educado. Em sua casa, que não passava de um barracão de palha, tudo estava em ordem e asseio. Não dava reuniões, não fazia **ladainhas**, como seus vizinhos, mas recebia gentilmente quantos o visitassem.

Um dia, deu-se um fato alarmante de que o guarda-livros ia sendo vítima, no Escritório em que trabalhava em uma sala da Casa Grande. Tal foi: um rapaz, num compartimento contíguo, limpava um rifle, que tinha uma bala encravada. Em dado momento, há uma deflagração, roçando o projétil a orelha direita de Fleury, indo alojarse no alizar de uma porta. Que susto, que alarme! Durante três dias, após êste acontecimento, o guarda-livros não conseguia realizar uma soma, tão grande o seu choque nervoso.

Quando fui transferido da escola de Aiapuá para uma de Manaus, Fleury foi o meu substituto, deixando o seu pôsto no comércio. No afã de ensinar, levou alguns anos, até quando o Governo do Estado deixou de pagar aos seus funcionários. Chefiando um grupo de extractores de castanha, fêz-se **aviado** de Da. Felicidade Mello ou, melhor, da firma comercial do seu finado marido. Velho já, alquebrado, faleceu há cêrca de vinte anos, deixando um filho, Pedro Fleury, que foi comandante de barcos da nossa flotilha fluvial, hoje igualmente falecido. Deixou tradição de honradez e boas maneiras.

Manoel Calafate

Era um caboclo velho, semi-índio, presumivelmente de 60 anos, em 1900. Baixo, forte, além de pescador, adotou a profissão de calafate. Daí o seu apelido. No Aiapuá, tinha seu barracão na enseada do Calafate, onde viviam seus filhos e netos. De quando em vez, realizava uma **ladainha**, que acabava em dansas a noite inteira. As festas de Santo Antônio e São João, na casa do Calafate, marcavam época para a **arraia miúda** do lago. Os tamborins e os caracaxás, com os tiros de ronqueira, denotavam a alegria e a animação, durante uma semana e mais.

Manoel Calafate contava-me histórias de onças e cobras grandes, indicando a moradia destas últimas, tudo numa linguagem de homem supersticioso e analfabeto. Lourenço Mello narrou-me o seguinte episódio da vida dêsse seu **freguês**. Disse-me o negociante que em sua coberta de regatão chamada "Cacilda", que fazia o circuito dos lugares próximos, andava um empregado de origem alemã, rapaz louro e esbelto. Uma noite, altas horas, aparece-lhe, na embarcação, Manoel Calafate acompanhado de uma das filhas solteiras, para entre-

gá-la ao alemão. Este recusa a oferta e queixa-se, no dia seguinte, ao patrão, antes que alguém fôsse **envenenar** a tentativa. Lourenço Mello manda chamar o ofertante e exproba-lhe o procedimento. Calafate procura justificar-se, dizendo: "Patrão, o Senhor me desculpe, eu quero a raça dêsse homem". O esforço pela seleção e a prática da vaidade não são privilégios dos civilizados. O caboclo-índio queria ter um neto louro e esbelto!

Um outro acontecimento que se deu na vida semi-selvagem do Calafate foi a seguinte: um rapaz de nome Cabano, empregado na casa comercial de Lourenço Mello, transportando-se entre dois barracões de seringais muito distantes, transvia-se de uma vereda que lhe era muito conhecida, diz êle, atraído por "voz humana". E levou 19 dias vagando na floresta, apesar de todos os esforços postos em ação para encontrá-lo. Ao décimo quinto dia da peregrinação, Cabano chega à margem de um grande igarapé, para êle desconhecido, e ouve o rumor de uma canoa que se aproxima. Era Manoel Calafate à proa de sua **montaria**, em exercício de pesca. Que alegria imensa para aquêle homem que se considerava perdido! Momento de salvação. Chama o velho que tanto conhecia, mas êsse **mete o remo** (remar forte e apressado) e foge.

Quando Cabano foi encontrado, conta o episódio e queixa-se amargamente da maldade que sofrera. Estaria mentalmente perturbado em consequência do seu enfraquecimento? Não o indicava. É, então, chamado para dar explicações o velho Calafate, que não nega sua atitude, dizendo: "Por ali não mora ninguém. Eu pensei que fôsse o **Curupira**. Nem olhei. Afastei-me".

Joaquim Nascimento

Acudia por Joaquim Ceará, não obstante ser amazonense. Encontrei-o no Aiapuá, vivendo com a família em uma barraca situada no campo da Casa Grande. Servi de padrinho a uma de suas filhas, de nome Tertunilla (Tetuca).

Joaquim Ceará pescava e extraía produtos naturais, tais como castanha e borracha que vendia ao barracão "Santo Antônio". Era um homem bom e trabalhador. Contava-me sua vida de rapaz. Dissera-me que foi criado em casa do Major Manoel Antônio Lessa, em Manaus, ao serviço da espôsa dêste, Da. Mariquinhas. Revelou-me que era muito **falador** e indiscreto. Comunicava a tôda gente o que via e ouvia. Daí resultou, um dia, um **sururu** medonho, na família, sendo Joaquim, então de 17 anos, jogado na Flotilha de Guerra. Foi ter ao Rio de Janeiro, onde estêve cêrca de dois anos, sendo escolhido para fazer parte da guarnição do navio-escola em que o Almirante Eduardo

Wandenkolk deu volta ao Mundo, em viagem de instrução, a guardasmarinha (1889).

Joaquim Ceará lembrou as proezas da marinhagem no pôrto de Cantão, na China, acentuando que a polícia daquele país distante não conseguira prender um só dos desordeiros, pois, no momento nevrálgico, todos lançaram-se à água, na escuridão da noite, e foram ter ao "Almirante Barroso". Fui algumas vêzes à sua casa, para ouvir episódios dessa viagem, que se acha tão bem descrita em livro publicado por Wandenkolk. Joaquim Nascimento, homem ignorante, faleceu em Aiapuá, deixando boa tradição de trabalho e honestidade. Dera a volta ao Mundo, mas não soubera contornar, como contornara os Continentes, a obscuridade em que viveu e desapareceu.

Laurentino da Silva

Amazonense, nascido na região do lago, tipo de caboclo, baixo e forte. Todos, ali, o conheciam pela designação de **Mestre Laurentino**, pois exercia a profissão de carpinteiro naval. Ninguém, como êle, preparava melhor uma **canoa de fôrma**, com seu cavername bem lançado e fosquias muito seguras. Surpreendi-o, por duas vêzes, no pequeno estaleiro, ajudado pelos filhos. Reunia os parentes e amigos, quando lançava n'água uma **igarité**. Que ufanía e orgulho! Mestre Laurentino sabia **tirar ladainhas**, n'as nove'as do Divino, Santo Antônio e São João. Dizem, também, que **marcava** quadrilhas à francesa, nos **forrós** que fazia em sua casa, à foz do igarapé do Franco. Com sua morte, o Aiapuá nunca mais teve um canoeiro igual, e guarda recordação de um homem digno. Sua viúva, Da. Marocas, casou-se, mais tarde, com o Professor Carlos Fleury, de quem já falei.

Cristiano Coelho de Santana

Natural do Amazonas, nascido em Manacapuru. Estatura mediana, casado com a Sra. Virgilina Levy, filha de Maria Roberto, antiga serviçal do cidadão francês Sebastião Robert. Fizera o curso primário completo. Escrevia corretamente. Recolhido ao Aiapuá, com sua família tornou-se **aviado** da firma Lourenço Nicolau de Mello, trabalhando, com o seu pessoal, na extração da castanha, da borracha e na salga do pirarucu. Cristiano Santana, vizinho da Casa Grande, tinha sempre sua residência repleta de parentes da espôsa. Sogra, cunhadas e sobrinhos aumentavam-lhe os encargos domésticos.

Com o falecimento do chefe da firma dominadora no lago, Cristiano sentindo-se desajudado, não obstante ser um homem honesto e trabalhador, retirou-se para o lugar Ipiranga, no Purus aí fazendo um barracão de comércio e um **pôrto de lenha**. Era um esforçado que nunca encontrou o caminho da prosperidade. Sempre que podia fazer o bem imediatamente, não o deixava para o dia seguinte. Gozei a influência de sua bondade, naquele lugar, quando, em trânsito, fui aguardar navio para descer até Manaus. Com que abundância de gentileza me recebeu e acolheu, durante dois dias, enquanto não chegava o transporte!

Soube, depois, que se privou do **mosquiteiro** em que dormia, para me servir, passando duas noites em claro, **batendo carapanãs**. Não percebi o seu sofrimento que não deixava transparecer naquela fisionomia aberta e alegre. Transferindo-se, mais tarde, para a Capital, ajudei-o no que pude.

Guardo de Cristiano Santana uma recordação saudosa.

Carolina dos Santos

Entre as pessoas de idade provecta que encontrei e conheci naquele lago, estava Carolina dos Santos, por alcunha **Tia Calu**, negra gorda, grande, tipo hotentote. Tinha sido escrava de Manoel Nicolau de Mello, que a libertou antes da Lei Áurea. Vivia, com os filhos solteiros (já era viúva em 1889) em sua casa, no campo da Casa Grande. Entre êsses filhos, estavam Damiana, Cecília, Antônio, Maria Estefânia e Fileto, estando vivos os três primeiros, maiores de 70 anos. É uma gente humilde que prima pela bondade e procedimento exemplar. Julgo expressivo registrar que uma das filhas dessa antiga escrava — a Cecília — vive no Rio de Janeiro, no lar de Cacilda Mello de Araujo Lima, pois, tendo sido, em menina, escolhida para ama daquela caçula de Lourenço Mello, dela nunca se separou, oferecendo-lhe tôda uma vida de integral fidelidade e dedicação.

Tia Carolina se ocupou sempre, e abnegadamente, com os enfermos. Apesar de velha e asmática, não deixava de atender aos chamados de pessoas de sua estima, que eram, afinal, todos os habitantes do lago. Nada recebia pelos seus trabalhos. E, ainda, os doentes comiam-lhe as galinhas do seu terreiro. Verdadeira heroína anônima, nessa época em que o egoísmo já se alastrava impiedoso.

A geração que ora vive no Aiapuá, quase tôda renovada por ádvenas, talvez ignore que, ali, uma preta velha, apenas ajudada por seus rebentos, praticou a caridade em alta escala, como só o podem fazer os corações predestinados ao bem dos seus semelhantes.

Tia Calu morreu talvez nonagenária. Semeou a boa semente. Hoje deve estar colhendo na iluminada messe do Senhor.

Virinto da Silva

Mulato maranhense, ferreiro, morador, com a família, junto ao barracão "Santo Antônio". Todos o chamavam Mestre Virinto. Passava os dias agitando o grande fole, com que ventilava o brazeiro, e batendo o ferro incandescente, para manufaturar instrumentos de pesca. Consertava armas de caça. Mas, tudo com morosidade. Acordei, algumas vezes, às 4 horas da manhã com o ruído da bigorna e do malho. Nem por ser madrugador, o operário progredia economicamente, confirmando-se, dêsse modo, o brocardo: "Mais vale a quem Deus ajuda do que quem cedo madruga".

Mestre Virinto era um homem de inteligência rudimentar. Taciturno, sorumbático, esquivo, sua conversa restringia-se a responder sim ou não, quando interpelado. Casado em segundas núpcias, tendo desta duas filhas, nem sempre vivia em paz com a mulher. Havia ocasiões em que o pau roncava mutuamente nos lombos avantajados de ambos.

De uma feita, pelas 20 horas, apareceu-nos o ferreiro todo ensanguentado, contando-nos o que lhe havia sucedido. Aconselhamo-lo a que passasse a noite fora de casa, enquanto a mulher se acalmasse. Na manhã seguinte, os dois se achavam juntos, como se nada tivesse acontecido... Diziam não ser muito bom da bola.

Maria Roberto

Morena, alta, magra, feia, analfabeta, mas de uma inteligência surpreendente. Neste particular, um contraste de Mestre Virinto. Quando menina, fôra escrava de Sebastião Robert e servia de mucama à sua filha Felicidade, mais tarde espôsa de Lourenço Mello.

Era conhecida por Maria Mulata, nome que a desagradava. Contava-me episódios de sua vida e da interferência no bem-estar de sua protetora, episódios que revelavam atilamento e amizade. Veja-se o seguinte: Quando faleceu súbitamente Sebastião Robert (afogado no pôrto de sua casa, no sítio Boa-Vista, à margem esquerda do Solimões), deixou uma grande propriedade, dinheiro e escravos. Os filhos eram todos menores, sem que aparecesse um só parente ou amigo que defendesse os interesses da família. A viúva, Da. Simplícia Barroso, pouco esclarecida e sem o mínimo espírito de iniciativa, ingênua mesmo, não se mostrou à altura daquela defesa. Nem sabia que seu marido havia deixado dívidas, quando, inesperadamente, surge uma embarcação, conduzindo um advogado, acompanhado de escrivão para, em nome dos credores de Manaus e Belém, fazerem o arrolamento de

tudo que encontrassem em Boa-Vista. Da. Simplicia vai declarando um a um todos os bens, com a maior naturalidade, enquanto Maria Roberto, ali presente, tudo compreendia. A lista já estava extensa, porém o advogado insistia em perguntar: — “Não tem mais? Não há dinheiro?” Maria não pôde conter-se e responde, em lugar da Senhora: “Não, não Senhor, não tem mais nada!” Da. Simplicia fala: “Não, Maria, não estás falando a verdade! Tem, lá dentro, um saquinho de moedas de ouro, no armário, a um canto. Vai buscá-lo!” — “Não, Senhora, não tem” — retrucou a mucama. — “Tem, vai buscá-lo, não somente o saquinho de ouro, como um de moedas de prata, que está ao lado” — insistiu a viúva. E tudo, tudo foi entregue, não se sabendo do seu resultado. Maria Roberto queria, ao menos, o sonogamento daqueles saquinhos, porque — segundo me disse — via que a **justiça** estava, ali, operando uma espoliação e reduzindo à miséria uma família incauta.

Dissolvida a família de Robert, Maria foi viver, ora em Manacapuru, ora em Manaus. Casou e teve diversos filhos, que, em sua companhia, foram viver em Aiapuá, onde os conheci. Idosa, nunca perdeu a disposição para o trabalho. Sempre alegre e comunicativa, preparava **assados** e **doces** para festas familiares, no que ia usufruindo algumas recompensas. Faleceu em Manaus, deixando vários netos, que fazem parte da boa sociedade dessa Capital.

* * *

Além dos que acima se acham mencionados, lembro-me que viviam, em Aiapuá, no despontar do século atual, as seguintes pessoas, já adultas, com as quais mantive relações de amizade: José Saldanha (português), João Rocha (português), José Nascimento, Marçal Píneiro, Nicolau de Nápoles, João Nápoles, José Nápoles (Surucucu), Amaro Nápoles, José Trombetas, João Taveira, Francisco da Paixão e Silva (Francisco Arumã) e Nestor Ramalho, que é o único sobrevivente.

CAPÍTULO VI

DESCENDÊNCIA DE LOURENÇO NICOLAU DE MELLO

Lourenço Mello e D. Felicidade Robert de Mello tiveram os seguintes filhos, na ordem cronológica: Tertunilla, Antônia (por alcunha, Luíza), Elvira, Wenceslau e Cacilda.

Tertunilla nasceu a 8 de abril de 1881 e casou-se com o autor destas linhas a 1.º de janeiro de 1899. Foi professôra efetiva, em virtude de concurso, para uma cadeira de ensino primário de Aiapuá, em 1896, da qual pediu demissão, para poder acompanhar-me, quando de minha remoção para a Capital, em agosto de 1902. Faleceu em 29 de julho de 1914. Apesar de aparentemente forte, não gozava de perfeita saúde. Extremamente sensível, os episódios dramáticos da deposição de meu pai abalaram-na profundamente, pois ficamos onze dias presos pelos revoltosos, numa embarcação que se dirigiu ao Rio Negro, entre os dias 22 de dezembro de 1912 e 2 de janeiro de 1913. Tertunilla (Tetuca, na intimidade), foi espôsa exemplaríssima. Está sepultada no jazigo da família Lourenço Mello, no cemitério de São João Batista, em Manaus.

Antônia (Luíza, como era conhecida), casou-se com Joaquim Cardoso de Faria, em 21-10-1899, em casa do Coronel Euzébio de Souza Caldas, na capital amazonense.

Elvira casou-se com o Dr. Adelino Cabral da Costa, em nossa casa, à rua Dr. Moreira, em Manaus.

Wenceslau, o único filho homem, casou-se com Filomena Faria (Sinhá), irmã de Joaquim Cardoso de Faria. Fêz estudos primários em minha escola, em Aiapuá, concluindo-os em Manaus. Estudou preparatórios no Recife e no Rio de Janeiro. Não chegou a concluir o curso de engenharia mecânica, que iniciara na capital pernambucana. Casara-se ainda em tempo de estudante. Recolhendo-se à terra natal, muito depois do falecimento de seu pai, dedicou-se ao comércio, associando-se a seu cunhado, Dr. Adelino Costa, do qual posteriormente se desligou, passando, então, a negociar por conta própria, aviando-se da praça de Manaus. Adquiriu alguns lotes de castanhais e motores com que movimentava e ainda movimenta os seus negócios. Não tem sido feliz nas suas transações por causa de sua boa-fé e grandeza de coração. É um dos homens mais liberais que eu conheço; sente piedade

pelos que sofrem e pelos que fingem sofrer. Poderia ser dono de uma sólida fortuna, mas sua liberalidade não o permite. Perdoa facilmente aos que o enganam e não está em seu temperamento nenhuma vingança. Wenceslau Mello ama os seus cães de caça. Lamenta quando um dos seus molossos é apanhado por um jacaré ou onça. Não quer sair do Aiapuá, não obstante ser grandemente, no comércio, auxiliado pelos filhos, máxime por Orestes. Sempre que chega a Manaus, apressa o seu regresso, com saudade da sua aprazível vivenda naquele lago.

Cacilda, nascida a 27 de dezembro de 1891, no Aiapuá, foi casada com o Dr. Benjamin Araujo Lima, publicista, teatrólogo de muito talento e cultura, falecido no Rio de Janeiro a 9-1-1948. Era a mais nova das irmãs e residia com sua irmã Tertunilla em Manaus, em nossa casa, onde se casou em 1910. Em 1911 ela e o marido seguiram para a Europa, visitando-lhe alguns países. Nasceram-lhes, em Lisboa, sua primeira filha (Alice). De regresso a Manaus, aí permaneceram até 1919, quando transferiram residência para o Rio. Seu marido dedicou-se ao jornalismo, ocupando sempre lugar de destaque na redação dos principais órgãos da imprensa carioca, como na de São Paulo.

Cacilda Araujo Lima — assim o seu nome de casada — entregou-se ao estudo da Astrologia, da Psicologia e do Ocultismo. É a sua maior ocupação. Após minuciosos exames, traça horóscopos admiráveis de pessoas que a procuram. Não faz anúncios. Sua sagaz inteligência, aliada aos conhecimentos dos fatos psíquicos, tem-na ajudado na prática daquelas ciências, que vão sendo, dia a dia, mais vulgarizadas e exaltadas pelos entendidos, nas cousas secretas ou, ainda, misteriosas dos astros e da alma. Sei de muita gente culta que não dá um passo, nos seus empreendimentos, sem ir à sua casa pedir-lhe conselhos. E os seus consulentes, pessoas de elite, formam fila diante do seu consultório...

Cacilda é exemplar mãe de família, e seu liberalismo bem reflete a herança que lhe deixara seu velho e saudoso pai.

UM PIONEIRO, UM BARCO E SUA ÂNCORA

(Artigo publicado no "Jornal do Comércio" de Manaus, de 17 de junho de 1966).

Memória oferecida ao arquivologista André Jobim,
autor das crônicas «Velhos Tempos».

UM PIONEIRO — Trata-se do pernambucano Manoel Nicolau de Mello, homem de boas letras que viveu em Manaus e em Aiapuá, no meado do século passado, como pude inferir: a) por um resto de biblioteca que deixou a seus filhos Lourenço Nicolau de Mello e Leopoldino Nicolau de Mello, já falecidos, ambos grandes negociantes no lago Aiapuá; b) por um **Caderno de Notas**, de uso particular e de seu próprio punho, que folhee, há mais de meio século, na residência do seu filho Lourenço, patenteando ótima redação; c) pela nomeação para exercer o cargo de Escrivão dos Termos de Manaus e Barcelos (Mariuá), da Comarca da Capitania de São José do Rio Negro, salvo engano meu, datada de 1848. Vi esse precioso documento, em original, em mãos do meu particular amigo, Dr. Cássio Dantas Cavalcante, íntegro Juiz de Direito aposentado, da Magistratura do Estado.

Como se depreende, o pioneiro da fundação do núcleo de Aiapuá foi um homem instruído e muito conhecido nas rodas intelectuais da antiga Vila da Barra, mais tarde a cidade de Manaus.

Nicolau de Mello era tratado por sua gente, ou, melhor, por seus "fregueses", pelo nome **Capitão Mello**. Não se sabe quanto tempo trabalhou no Cartório para o qual foi nomeado. Mas, verificou-se haver retornado à faina dos negócios de Aiapuá. Para desenvolvimento de suas atividades, adquiriu um **Barco Oceânico**, dispondo de dois mastros, vergas, giba, enxárcias e demais cordame: um veleiro de apreciável tonelagem. Viajava entre Recife e Manaus, possivelmente conduzindo para esta cidade, açúcar, aguardente, ferragens, tecidos, etc. Chamava-se "**Carolina**". Era equipado por gente de Pernambuco mas chegando a Belém do Pará, aumentava o número dos seus marujos, de caboclos e índios da terra. Consta que a nau **Carolina** somente fizera duas viagens, sob a responsabilidade de Manoel Nicolau de Mello. Na última, pelos idos de 1850, saíra do pôrto de Manaus, subira

o Solimões, penetrara o Purus e o lago Aiapuá, fundeando em frente à povoação fundada por seu proprietário. Ali a embarcação ancorou para nunca mais navegar, impossibilitada de afrontar o rio Amazonas, muito menos o oceano; deu ao pego, conforme a tradição, ao tempo em que, em Manaus, se instalava a Província do Amazonas. Foi Nicolau de Mello o primeiro homem civilizado que, viajando o Baixo Purus, penetrou o lago Aiapuá, região rica em castanhais e de fartura de pirarucus e peixes-boi, em suas águas.

Ali, encontrou a grande tribo dos Muras, que fêz reunir em duas malocas. Casado com uma cabocla do Rio Negro, de lá mandou buscar e localizar parentes de sua mulher e outros glebários de fora.

O pernambucano tornou-se grande negociante, muito relacionado em Manaus e Belém. Foi patriarca de numerosa geração, cujos bisnetos vivem, em boa parte, na localidade, dentre êles destacando-se Orestes Faria de Mello.

Parte da guarnição do barco, inclusive os pernambucanos, não se retirou, e também os caboclos do Rio Negro, do mesmo sangue da esposa do pioneiro.

Seis anos mais tarde, chega ao Aiapuá o português Justino José de Almeida, que era padeiro na Capital baré, ali se localizando e fixando-se para sempre, como negociante. Em 1896, quando fui pela primeira vez ao lago, lá o encontrei, dizendo-me que havia 40 anos, lá estava, sem ir a Manaus. Era um guarda oral da tradição da terra que escolhera para viver e onde constituíra numerosa família. Contara-me tudo quanto lhe informaram os abencerragens da equipagem do "Carolina", sem esquecer o esforço que fizeram para aportar àquele sítio, trabalhando diuturnamente.

Informou-me o Velho Justino (assim o chamavam) que, nas grandes vazantes, aparecia a pôpa da embarcação, sem que alguém a tocasse. Mas, por volta de 1915, o saudoso Dr. Adelino Cabral da Costa, genro do Coronel Lourenço e gerente da casa comercial "Nicolau de Mello & Sucessores", aproveitando a grande vazante da época, promoveu minuciosa pesquisa em torno da embarcação, quando os mergulhadores depararam **Uma Âncora**. Com ingente, mas cuidadoso trabalho, foi retirada e colocada sôbre um pedestal de cimento, ao centro do formoso jardim fronteiro à Casa Grande, solar dos Mello, onde permaneceu por mais de 40 anos. Com o falecimento dos chefes da família, tudo ali se transformou em ruínas e em espesso matagal.

A relíquia foi, recentemente, conduzida e posta em frente à residência de Orestes Faria de Mello, bisneto de Manoel Nicolau de Mello e, por uma coincidência, no mesmo local em que êste fundara a povoação do Aiapuá, há mais de um século. Está a âncora colocada a prumo, sôbre um pedestal de cimento armado, a 0,80m do solo. Mede, de altura, 1,98, e um metro, o diâmetro de um círculo que passa pelas ex-

tremidades das garras em forma de lança. Pesa aproximadamente 80 quilogramas. Fique registrado que é tôda de bronze, tendo assim um grande valor material, que não é nada em face do seu valor histórico e estimativo.

Na excursão que fiz ao Aiapuá, depois de uma ausência de 30 anos, fui rever êsse objeto náutico, estando eu em companhia dos meus filhos Ulysses e Vivaldina: dos estimados jornalistas André Jobim e Jovino Lemos, de Orestes Faria de Mello, além de outras pessoas.

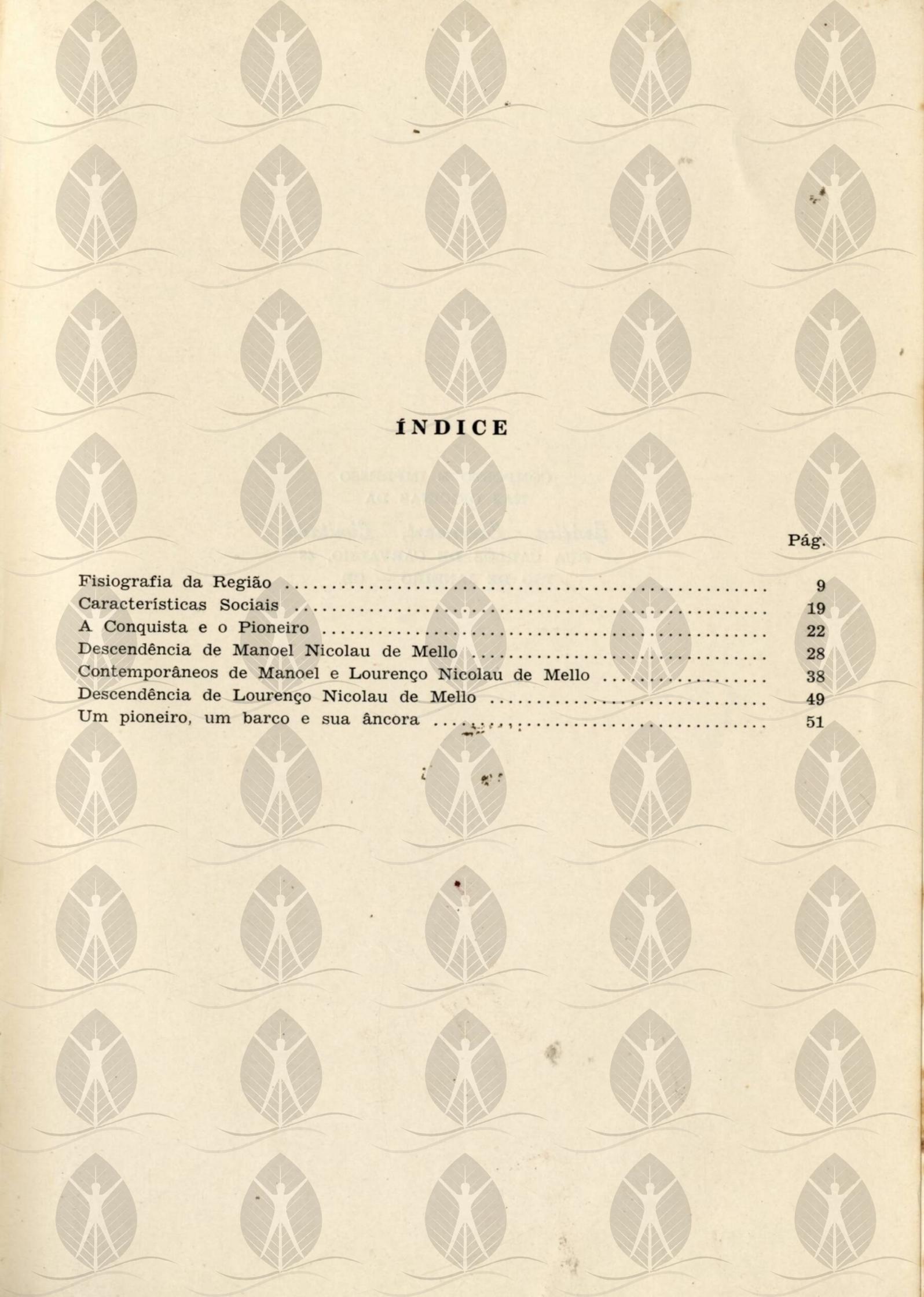
Diante do monumento, no dia 14 de abril p.p., 70 anos após ter estado pela vez primeira no Aiapuá, disse do que sabia do Pioneiro da civilização da localidade e de sua embarcação "Carolina", cuja história está vigente e comprovada naquela âncora. Transmiti aos presentes as informações, por mim registradas de Justino José de Almeida, nos longínquos tempos de minha mocidade.

A âncora de bronze vale uma celebração e um lugar de destaque no Instituto Geográfico e Histórico do Amazonas se a tanto consentir o seu proprietário.

Rio, junho, 1966.

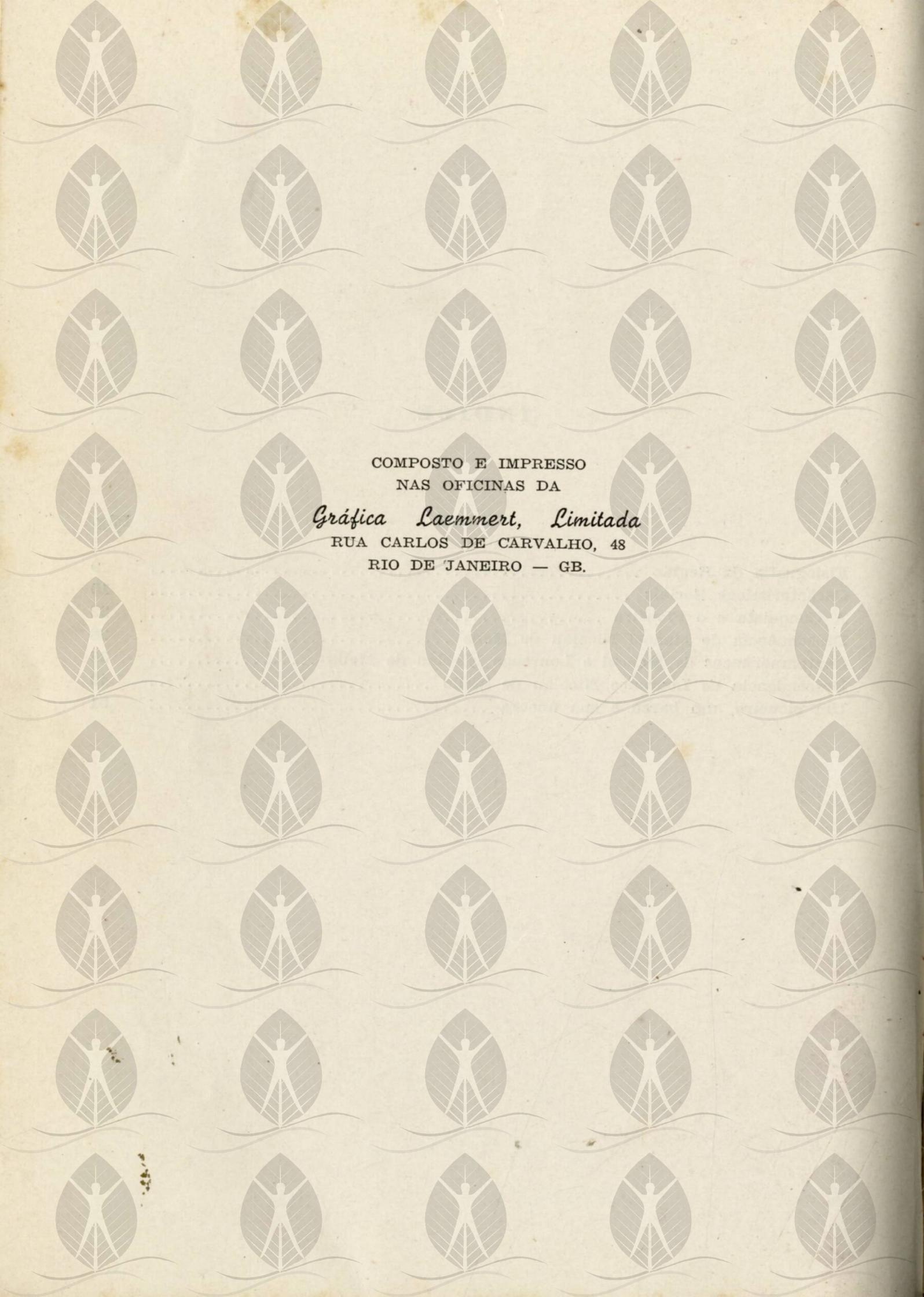


A âncora centenária e o grupo que acompanhou o Prof. Agnello



ÍNDICE

| | Pág. |
|--|------|
| Fisiografia da Região | 9 |
| Características Sociais | 19 |
| A Conquista e o Pioneiro | 22 |
| Descendência de Manoel Nicolau de Mello | 28 |
| Contemporâneos de Manoel e Lourenço Nicolau de Mello | 38 |
| Descendência de Lourenço Nicolau de Mello | 49 |
| Um pioneiro, um barco e sua âncora | 51 |



COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS DA

Gráfica Laemmert, Limitada

RUA CARLOS DE CARVALHO, 48
RIO DE JANEIRO — GB.



AVISO

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas. O uso destes documentos é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais - [Lei nº 9.610/98](#)). Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõem a rede de bibliotecas públicas do Estado do Amazonas.

EMAIL: ACERVODIGITALSEC@GMAIL.COM

Secretaria de
Estado de Cultura



CENTRO CULTURAL DOS
POVOS DA AMAZÔNIA